

# **A (IM)POSSIBILIDADE DAS TIC EM CONTEXTO EDUCATIVO**

**Juliana Alves Ferreira**

---

**Relatório da P.E.S.**

**Mestrado em Ensino do Português e das Línguas Clássicas no 3.º Ciclo do  
Ensino Básico e no Ensino Secundário ou de Língua Estrangeira nos  
Ensinos Básicos e Secundário – Português e Espanhol**

**JUNHO DE 2010**



Relatório de Estágio apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ensino do Português e das Línguas Clássicas no 3.º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário ou de Língua Estrangeira nos Ensinos Básicos e Secundário – Português e Espanhol, realizado sob a orientação científica da Professora Doutora Fernanda Menéndez, Professora Auxiliar do Departamento de Linguística da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas e do Professor Doutor Gustavo Rubim, Professor Auxiliar do Departamento de Estudos Portugueses da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa

## DECLARAÇÃO

Declaro que este Relatório é o resultado da minha investigação pessoal e independente. O seu conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas no texto, nas notas e na bibliografia.

O Candidato,

---

Lisboa, .... de ..... de .....

Declaro que este Relatório se encontra em condições de ser apresentado a provas públicas.

A Orientadora,

---

Lisboa, ... de ..... de .....

Declaro que este Relatório se encontra em condições de ser apresentado a provas públicas.

O Orientador,

---

Lisboa, ... de ..... de .....

*Aos meus pais, à minha irmã Daniela e  
ao meu marido e amigo José.  
Aos meus orientadores  
e à minha colega de estágio, Isabel.*

## **RESUMO**

## **ABSTRACT**

### **A (IM)POSSIBILIDADE DAS TIC EM CONTEXTO EDUCATIVO**

### **THE (IM)POSSIBILITY OF TIC IN EDUCATIVE CONTEXT**

**JULIANA ALVES FERREIRA**

**PALAVRAS-CHAVE:** TIC, prática pedagógica, estratégias comunicativas, materiais interactivos

**KEYWORDS:** TIC, pedagogical practice, communicative strategies, interactive materials

O presente relatório realizado com base na experiência adquirida ao longo da Prática de Ensino Supervisionada (PES) na Escola Secundária Quinta do Marquês, Oeiras, durante o ano lectivo 2009/2010 surge na tentativa de avaliar objectivamente as vantagens e as desvantagens da utilização de novas tecnologias em sala de aula e em que medida estes recursos servem o interesse didáctico e pedagógico de professores e alunos. A observação de aulas e a consequente prática pedagógica nas disciplinas de Português (11ºano) e Espanhol (7ºano) serão aqui analisadas criticamente relativamente a métodos, estratégias e modos de actuação, reflectindo na influência que tais procedimentos poderão eventualmente exercer numa aprendizagem eficaz.

The present report, based on the experience acquired throughout the Supervised Teaching Practice (PES) at Escola Secundária Quinta do Marquês, Oeiras, during the current scholar year 2009/2010, comes forth as an attempt to objectively evaluate the advantages and disadvantages of using new technologies in classroom and in what way those resources fulfil the pedagogical and didactic interest of teachers and students. Both class observation and consequent pedagogical practice on Portuguese (11th grade) and Spanish (7th grade) subjects will be critically analyzed as regards to methods, strategies and ways of acting, reflecting on the influence that those procedures might eventually have in a effective learning.

## Índice

1. Introdução .....	1
2. Caracterização da escola .....	2
2.1 Localização e meio sócio-cultural envolvente .....	2
2.2 Projecto Educativo .....	2
2.4 Corpo docente e discente .....	6
2.5 Projectos e actividades .....	6
3. Caracterização das turmas .....	9
3.1 Turma de Português – 11º Ano .....	9
3.2 Turma de Espanhol – 7º Ano .....	10
3.2.1 Alunos com necessidades educativas especiais .....	12
4. Observação de aulas .....	13
4.1 Português .....	13
4.2 Espanhol .....	17
5. Descrição da Prática de Ensino Supervisionada de Português .....	20
5.1 Primeiras questões – métodos e hábitos de trabalho .....	20
5.2 Relação Pedagógica, Planificações e Materiais .....	21
5.3 Testes de avaliação e respectiva correcção .....	28
6. Descrição da Prática de Ensino Supervisionada de Espanhol .....	31
6.1 Introdução .....	31
6.2 Planificações .....	32
6.3 Ordem de trabalhos para a aprendizagem de Espanhol / LE .....	33

6.3.1 Objectivos .....	33
6.3.2 Actividades comunicativas - compreensão e expressão oral .....	34
6.3.3 Actividades comunicativas - compreensão e expressão escrita .....	43
6.3.4 Ponto três: avaliação .....	45
7. TIC, um problema de formação? .....	47
8. Recursos Online .....	49
9. Quadros Interactivos .....	50
Bibliografia Consultada .....	51
Bibliografia Citada .....	52
Anexos.....	i





## 1. Introdução

*Caminante no hay camino, se hace camino al andar.*

Antonio Machado

O presente relatório, que terá como objectivo principal dar a conhecer aquele que foi o meu percurso ao longo deste ano lectivo, procurará também abordar criticamente o problema da (im)possibilidade das novas tecnologias da informação e da comunicação em contexto educativo. Porém, a convicção de que um caminho só o é efectivamente quando percorrido permitir-me-á, ao que julgo, procurar mais que respostas conclusivas, perguntas orientadoras. Acredito que o fim do caminho depende inteiramente da seriedade com que se vai projectando cada passo e cada etapa, e não tenho qualquer dúvida de que a consciência da dificuldade coloca-nos por si só numa posição bastante sensata e vantajosa.

Para além da caracterização da Escola Secundária Quinta do Marquês e das respectivas turmas de estágio preocupar-me-ei também em descrever os critérios e os parâmetros que foram pautando todo o procedimento de observação de aulas ao longo da Prática de Ensino Supervisionada. Em seguida, apresentarei o relato da minha experiência didáctica e pedagógica tendo obviamente em conta os momentos de planificação, construção e aplicação de métodos e materiais.

Por último, tentarei expor a minha inquietação relativamente às vantagens e desvantagens da utilização das novas tecnologias dentro da sala de aula, e à cada vez maior necessidade de inclusão de disciplinas TIC no currículo do professor em formação inicial. Isto sem descurar a importância da continuidade do investimento em materiais tecnológicos, bem como da aposta em acções de formação.

Assim sendo, importa apenas dizer que mais que uma descrição ou uma exposição dos vários momentos de reflexão, ponderação e prática, este relatório pretenderá retractar quase que a três dimensões uma experiência, a meu ver, absolutamente necessária no percurso de um professor em formação inicial.

## **2. Caracterização da escola**

### **2.1 Localização e meio sócio-cultural envolvente**

A Escola Secundária Quinta do Marquês<sup>1</sup>, localizada na região norte do concelho de Oeiras, mais especificamente na Rua das Escolas, insere-se numa zona particularmente tranquila. Rodeada por espaços verdes e moradias, a Quinta do Marquês oferece condições verdadeiramente atractivas no que diz respeito à inserção da sua comunidade escolar. Em termos gerais, é fácil compreender os motivos que levaram a sua população, de nível sócio-económico elevado, a procurar esta zona. Para além da privilegiada situação geográfica, do clima e das praias, Oeiras é actualmente uma cidade preocupada com os seus índices de desenvolvimento.

O facto de a maioria da população possuir formação superior ou técnico-profissional influencia determinantemente o horizonte de expectativa face à qualidade da oferta educativa.

Conhecedora desta realidade tão peculiar, a Escola Secundária Quinta do Marquês investe de forma atenta e empenhada não apenas nas suas próprias necessidades enquanto estabelecimento de ensino, mas também na riqueza e diversidade de métodos que sabe serem fundamentais para a formação integral dos seus alunos.

### **2.2 Projecto Educativo**

O Projecto Educativo de uma escola é bem mais do que um mero regulamento, uma vez que nele cabe, para além dos pressupostos gerais e comuns a todos os estabelecimentos de ensino, uma liberdade muito própria e individual. Importa apenas não esquecer que esta não deixa de ser uma autonomia regulada, no sentido em que deve corresponder não só a características de âmbito geral, mas também às relacionadas com o próprio meio. Porém, é através do poder que cada escola detém, no que diz respeito à adopção dos seus próprios princípios educativos e pedagógicos, que seguramente se desenvolve um Projecto Educativo adequado às exigências e carências de cada comunidade escolar.

Em relativamente pouco tempo, e antes até que consultasse o Regulamento Interno, compreendi que existia entre a Escola Secundária Quinta do Marquês e os seus alunos uma espécie de acordo, subentendido por ambas as partes. Este compromisso traduz-se por um

---

<sup>1</sup> Consultar anexo 1.

lado no investimento que a escola faz, quer em acções de formação para os seus profissionais, quer na aquisição de recursos e materiais educativos, e por outro na expectativa de que os seus alunos utilizem estas ferramentas e adquiram os “conhecimentos e competências indispensáveis à continuação dos estudos e inserção na vida activa”<sup>2</sup>.

Existe uma enorme diferença entre estar numa escola apenas por dever, sem qualquer motivação ou disponibilidade e estar com agrado e empenho. A realidade desta escola, embora eu tenha a consciência de que se trata efectivamente de uma realidade privilegiada, é esta: os alunos estão na escola não só porque compreendem que uma boa educação determinará o seu sucesso profissional mas também porque querem efectivamente aprender. Respeitam e assumem diariamente este compromisso na medida em que manifestam o seu interesse e colaboram no envolvimento das mais diversas actividades.

Mas para que melhor se compreenda a dinâmica educativa desta escola, penso que será de todo útil destacar alguns dos objectivos enumerados no Regulamento Interno que de forma directa ou indirecta contribuem para uma boa relação educativa e pedagógica dentro da sala de aula. Assim sendo, destaco a valorização da “humanização das relações interpessoais”, o “... desenvolvimento de hábitos de trabalho no sentido da autonomia”, a “responsabilização do aluno pela aquisição, porte e bom uso do material e equipamento escolar” bem como a percepção “... das regras de convivência na sala de aula numa base de firmeza, respeito e preservação de um bom ambiente de trabalho”. Talvez estes sejam princípios básicos comuns a praticamente todas as escolas, no entanto, dado o seu carácter verdadeiramente essencial, não podem nem devem ser desvalorizados.

Pelo que pude observar ao longo deste ano lectivo, e apesar de me ter deparado com uma escola que não enfrenta carências significativas ou cenários problemáticos, esta é uma instituição empenhada em investir num ensino de cada vez maior qualidade. Revejo-me neste projecto na medida em que me identifiquei desde o início com a sua transparência de valores e de intenções. O próprio lema adoptado, *Pelo sonho é que vamos*, incita e motiva a que a comunidade escolar nunca perca a saudável e necessária capacidade de sonhar.

## **2.3 Plano curricular e infra-estruturas**

Em termos de currículo, a Escola Secundária Quinta do Marquês oferece cursos gerais Científico-Humanísticos, nomeadamente, Ciências e Tecnologias, Línguas e Humanidades,

---

<sup>2</sup> Regulamento Interno Escola Secundária Quinta do Marquês – Oeiras; Ano Lectivo 2008-2009.

Artes Visuais, Ciências Socioeconómicas e também Cursos Profissionais na área da Multimédia. A recente aposta em cursos de carácter profissional, bem como o ensino de cada vez mais línguas, pois para além do Inglês, do Francês e do Alemão, a escola oferece actualmente também o Espanhol, vai dando mostras de preocupação para com as necessidades educativas dos alunos, sobretudo no que diz respeito a aplicação prática destes conteúdos numa vida profissional futura.

Dizer que a Escola Secundária Quinta do Marquês é constituída por três pavilhões onde se estabelecem o Conselho Executivo, a sala dos professores, os Serviços Especializados de Apoio Educativo, os Serviços Administrativos, a Biblioteca, a Reprografia, a Papelaria e as salas de aula assume uma importância meramente descritiva. De tal forma que mais importante que enumerar espaços é certamente descrever de que forma as estruturas físicas servem as necessidades da escola e da respectiva comunidade escolar. Vejamos por exemplo, de que forma a Biblioteca Escolar tem vindo, enquanto Centro de Recursos Educativos, a preparar-se para estimular a participação e o envolvimento da comunidade educativa nos seus projectos. Integrada no programa da Rede Nacional de Bibliotecas, ou seja, em permanente contacto com outras Bibliotecas Escolares e Centros de Recursos, tem vindo a desenvolver, conjuntamente com a Biblioteca Municipal de Oeiras, o projecto intitulado *Infoliteracia*, cujo principal objectivo é criar as condições necessárias para “a promoção da literacia e competências de informação para a promoção da leitura no público escolar e em ambiente de ensino e aprendizagem”<sup>3</sup>. Criar condições significa estar atento a novas e mais eficazes metodologias, “criando e organizando a informação na Internet numa perspectiva lúdico-pedagógica...” e “... incentivando a criatividade textual, hipermédia e multimédia, com base em conteúdos e temas diversos, desde a música à arte, passando pela ciência, ecologia, cinema, literatura, jornalismo e história local, com ênfase para as questões éticas e legais de respeito pelos direitos de autor”<sup>4</sup>.

Importa assim salientar, que em parceria com os professores da escola, foi criado um sítio na Internet, o qual através das mais várias propostas de trabalho, as chamadas *Webquests*, veio desafiar os jovens para práticas tão fundamentais como as de saber recontar uma história a partir de um texto que se leu, compilar dados, desvendar mistérios e enigmas, assumir uma faceta de repórter ou descrever produtos de forma criativa através de um poema, de uma

---

<sup>3</sup> *Projecto Enigma*, Sinopse 2008/2009, Rede de Bibliotecas Municipais de Oeiras, 2008.

<sup>4</sup> Idem.

canção ou de uma imagem. Estas são apenas algumas das propostas sugeridas por Cerveró<sup>5</sup>, que através de actividades formativas, desenvolveu e estimulou a componente criativa em ambientes digitais e com recurso às TIC.

Novos formatos são também novas formas de comunicar e organizar a informação, e esta é uma realidade que a Biblioteca da Escola Secundária Quinta do Marquês não desvaloriza. No entanto, e para além dos recursos informáticos existentes, computadores, projectores, CDs áudio, DVDs e CDs-ROM, que apesar de não serem ainda os pretendidos vão sendo cada vez mais e melhores, a escola possui ainda uma extensa variedade de livros, enciclopédias, revistas e jornais. O facto de a maioria dos alunos ter acesso a alguns destes materiais em casa não diminui a pretensão da sua utilização em espaço escolar. Penso que é fundamental que os alunos vejam a Biblioteca como um espaço cómodo, dotado de equipamentos e condições que satisfaçam as suas necessidades enquanto leitores, e que participem de forma activa nas várias exposições e feiras do livro que aqui costumam ocorrer.

Esta é contudo uma escola que compreende que um ensino de qualidade passa pela inevitável valorização do carácter individual de cada actividade bem como pela preocupação sistemática com a eficácia dos seus meios e recursos. De tal forma que as salas de Educação Tecnológica, as Oficinas de Artes e ocupação de tempos livres e as salas de Audiovisuais se encontram devidamente equipadas e prontas a receber e responder às necessidades dos alunos. Importa de igual modo salientar a existência de um Laboratório de Fotografia, onde os alunos, devidamente acompanhados por um professor, são incentivados a dar os primeiros passos numa experiência que certamente lhes irá permitir perspectivar, de forma mais técnica e profissional, a importância do visual.

Apesar das boas instalações e condições de funcionamento, a Escola Secundária Quinta do Marquês não possui um campo gimnodesportivo próprio ou um refeitório, espaços que partilha com Escola Conde Oeiras, pelo que entrará já no início das férias de Verão em requalificação das suas infra-estruturas e espaço escolar circundante.

---

<sup>5</sup> Cuevas Cerveró, Aurora. *Lectura, alfabetización en información y biblioteca escolar*, TREA, 2007.

## **2.4 Corpo docente e discente**

Segundo o Regulamento Interno, a Escola Secundária Quinta do Marquês integra mais de cem docentes para uma população de cerca de mil alunos, distribuídos por quarenta turmas, vinte do 3º Ciclo do Ensino Básico e vinte do Ensino Secundário.

Uma vez mais importa compreender o que está para lá da realidade dos números, visto que estes, por si só, nada dizem acerca das prioridades educativas de professores e alunos.

Começo por destacar a importância das acções de formação enviadas para a escola, uma vez que estas, em função dos níveis de adesão, representam o interesse e a disponibilidade do corpo docente para investir em novos e melhores métodos de trabalho. Assim sendo, e de acordo com as informações a que fui tendo acesso, todas as acções divulgadas através do CFECO, Centro de Formação de Escolas do Concelho de Oeiras, viram as suas vagas preenchidas. O interesse manifestado por acções como *“A Avaliação de Crianças e Jovens com Necessidades Educativas Especiais por Referência à CIF”* ou *“A utilização de Photo Stories no Ensino de uma Língua Estrangeira”* vem provar que a comunidade docente está atenta e procura para além da creditação, acções que satisfaçam os seus interesses e necessidades profissionais.

Por sua vez, os alunos, visivelmente envolvidos na vida escolar e nas diversas actividades existentes, permanecem habitualmente na escola para lá dos respectivos horários das aulas. Pelo que pude observar, e faz todo o sentido que assim o seja, estes alunos vêm a escola como o lugar, que para além da componente lectiva, lhes oferece a possibilidade de ocuparem os seus tempos livres fazendo o que mais gostam.

## **2.5 Projectos e actividades**

É através da envolvência da comunidade escolar em projectos e actividades de natureza diversa que conhecemos o ambiente pedagógico e educacional de uma escola.

Vejamos então que tipo de actividades tem a Escola Secundária Quinta do Marquês para oferecer aos seus alunos.

O Jornal da Escola, os Clubes e os Ateliês são apenas alguns exemplos de espaços onde os alunos podem participar, tirar dúvidas, interagir e aprender a trabalhar de forma

autónoma e criativa. Ao frequentar estes Clubes os alunos trabalham, ainda que de forma inconsciente, competências fundamentais ao nível da expressão e da compreensão.

Acredito que mais do que motivados pela não obrigatoriedade curricular, pelo carácter lúdico ou simplesmente pela interacção com novos colegas, estes são alunos com uma vontade imensa de aprender.

Relativamente ao Clube da Leitura Expressiva, devidamente tutelado pela professora responsável, Luzia Carapeto, assisti aos últimos ensaios da peça “*Não deixem morrer os sonhos*”, escrita pelos próprios, e a ser apresentada na Biblioteca da escola na Semana das Interculturas. À data das minhas visitas os alunos preparavam a peça já sem guião, exercitando e valendo-se de uma capacidade de memorização que me impressionou, sobretudo por não se tratar de um procedimento monocórdico ou automático, mas sim dotado de todos os ingredientes necessários, tais como a espontaneidade, o improviso e o humor, para a construção de um ambiente apelativo e incentivador. A diferença entre ler um texto e conseguir interpretá-lo pode estar muitas vezes na seriedade com que se trabalha o discurso oral. A leitura expressiva estimula a sensibilidade e a imaginação literária dos alunos, corrige e aperfeiçoa a entoação, o ritmo, a articulação fonética, a gestualidade e muitos outros elementos que se encontram por detrás do texto. Desta forma, é na minha opinião, cada vez mais urgente e necessário que este tipo de actividades complementares, Clubes e Ateliês inspirem, motivem e contribuam para um melhor rendimento escolar.

Um outro exemplo de como estimular a criatividade e a originalidade junto da comunidade escolar é certamente o blog *As palavras por dizer*<sup>6</sup>, da autoria do professor Carlos Lopes. Criado inicialmente com o intuito de registar e divulgar as micronarrativas escritas pelos alunos do 8ºA, 10ºC, 11º A e B, rapidamente ganhou novos contornos, e se viu invadido pelo engenho literário de todos os que nele queriam participar. Actualmente o formato digital é por si só o meio que mais incita à participação directa e à interacção, permitindo que de forma simples e rápida se troquem informações, textos, vídeos, imagens e opiniões. Este blog é, à luz da contemporaneidade, uma janela que se abre para uma multiplicidade de paisagens, é um livro em constante processo de reescrita e uma plataforma exímia no que diz respeito à divulgação imediata de processos criativos. Ao explorar e aproveitar as potencialidades deste recurso, o professor contribuiu para uma comunicação aberta e instrutiva, cumprindo simultaneamente os seus objectivos e motivações pessoais.

---

<sup>6</sup> <http://as-palavras-por-dizer.blogspot.com>

Seria praticamente impossível falar de actividades sem mencionar a *Semana das Interculturas*, uma vez que esta é uma iniciativa particularmente importante na Escola Secundária Quinta do Marquês. Todos os anos, com alguns meses de antecedência, professores e alunos começam a preparar uma semana cujo objectivo principal consiste sobretudo na divulgação de novas culturas e na fomentação de uma atitude positiva face à aprendizagem intercultural. As muitas horas de trabalho de investigação, preparação de materiais e ensaios que ocorrem em horário lectivo e não lectivo dão por fim origem a várias exposições temáticas visíveis em praticamente todos os corredores da escola, a representações dramáticas abertas à comunidade escolar e a actividades e competições desportivas ao ar livre.

Neste sentido, destaco a exposição<sup>7</sup> que preparei juntamente com a minha colega de estágio no âmbito da disciplina de Espanhol, cujo objectivo principal passava por desmontar a ideia de que esta é uma língua extremamente acessível e de fácil compreensão. O aproveitamento humorístico de mal-entendidos<sup>8</sup> ou de situações constrangedoras entre portugueses e espanhóis, geradas por dificuldades de compreensão, contribuiu para que, em termos gerais, os alunos despertassem o seu sentido crítico contra generalizações precipitadas. Ainda relativamente à disciplina de Espanhol cooperei com a minha orientadora no que toca a ensaiar as turmas do 7º ano para a apresentação de excertos dramáticos durante a *Semana das Interculturas*.

Foi precisamente a pensar nos benefícios que as actividades extra-curriculares oferecem aos alunos e à respectiva comunidade escolar que eu e a minha colega de estágio convidámos o professor Nuno Júdice para a realização de uma sessão literária<sup>9</sup> na escola. O tema abordado, *A Relação entre a Poesia e a Imagem*, suscitou o interesse das três turmas de secundário que seguiram atentamente a apresentação, de tal forma que no final não desperdiçaram a oportunidade de colocar ao professor algumas questões não só relacionadas com a sua reflexão, mas também e sobretudo com a sua vida e experiência enquanto poeta. O professor Nuno Júdice respondeu a questões como: *Quando e como é que sabe que um poema chega ao fim?*, *Os textos que escreve têm cariz autobiográfico?* entre muitas outras, com grande sinceridade e naturalidade. Talvez no início da sessão os alunos tenham sentido uma certa distância em relação à figura do *poeta*, no entanto, e à medida que o professor ia abordando as questões, os alunos iam-se sentindo cada vez mais próximos e envolvidos. Eu

---

<sup>7</sup> Consultar anexo 2.

<sup>8</sup> Consultar anexo 3.

<sup>9</sup> Consultar anexo 4.



própria, ao colocar uma questão, para além de pretender ver satisfeita a minha curiosidade enquanto leitora, procurei mostrar aos alunos que poderiam e deveriam continuar a interagir com o autor. A sessão decorreu assim de forma animada, chegando mesmo a prolongar-se para além do tempo previsto, o que de alguma forma mostrou que os objectivos tinham sido cumpridos.

Considero que a participação em projectos e actividades desta natureza faculta um acesso ao conhecimento para lá da sala de aula, o que incentiva e estimula a criatividade dos alunos, proporcionando-lhes experiências que os desenvolvem nas suas capacidades de relacionamento, quer a nível individual quer a nível interpessoal.

### **3. Caracterização das turmas**

#### **3.1 Turma de Português – 11º Ano**

A turma de Português do 11ºA é constituída por vinte e cinco alunos, catorze raparigas e onze rapazes. Com uma média de idades que ronda os dezasseis anos, estes são alunos que, segundo o projecto curricular de turma, nos seus tempos livres gostam essencialmente de praticar desporto, ler, ouvir música, ver televisão e estar no computador.

Talvez influenciados pelo grau de instrução dos pais, quando questionados acerca da sua formação futura, a maioria destes alunos não manifesta quaisquer dúvidas em querer frequentar um curso superior.

Antes de iniciar a observação das aulas de Português, foi-me transmitido pelo respectivo professor que à excepção de uma única aluna, todos os outros eram seus alunos desde o 7º Ano. A realidade com que acabava de me deparar poderia ser para mim uma experiência extremamente enriquecedora em termos profissionais. Afinal, que objectivo pode ser mais motivador e aliciante para um professor que o de dar continuidade aos seus projectos? Que o de poder assumir um compromisso que ultrapasse as barreiras do final de mais um ano lectivo?

Desta forma e tendo também em conta os múltiplos desdobramentos que a sala de aula permite, uma vez que este não é somente um espaço de aprendizagem de conteúdos mas também de experiência, comunicação e interacção, pude traçar aquele que penso ser um retrato bastante fiel desta turma de Português.

Apesar de assíduos, os alunos nem sempre foram pontuais, no entanto, e após os avisos do professor, mostraram-se empenhados em chegar atempadamente à sala de aula, revelando assim sentido de responsabilidade.

Em termos gerais, estes são alunos interessados, atentos e participativos, que comunicam e interagem de forma construtiva e espontânea, demonstrando não apenas conhecimentos representativos mas também espírito crítico em relação aos diversos conteúdos apresentados. O caminho percorrido desde o 7º Ano permitiu um aperfeiçoamento sistemático e constante que actualmente se traduz na capacidade de compreender e aplicar as regras de funcionamento da língua, de interpretar e reconhecer significados implícitos no âmbito da análise de textos literários ou mesmo na criação original e bem fundamentada de textos e comentários de opinião.

Destaco ainda o espírito de grupo, de união e entreajuda manifestado pelos alunos, que a par das estratégias desenvolvidas pelo professor, contribuíram para a construção de um ambiente extremamente motivador. No entanto, não deixa de ser curioso que estes alunos, apesar todas as suas características e de todos os bons resultados que têm vindo a alcançar, não correspondam à imagem que muitas vezes se tem de que o bom aluno se senta na fila da frente, que não tira os olhos do professor, que levanta a mão para participar e que nem sequer fala com o colega do lado para não prejudicar o bom funcionamento da aula.

Esta é talvez a turma que muitos professores gostariam de ter, não porque se insere numa escola de prestígio com condições sócio-económicas bastante favoráveis, mas porque resulta de um projecto contínuo e de um caminho que, à medida que vai sendo percorrido, vai fazendo com que o professor acredite que é sempre possível fazer mais e melhor.

### **3.2 Turma de Espanhol – 7º Ano**

A turma de Espanhol do 7ºF é constituída por vinte e seis alunos, dos quais catorze são raparigas e doze são rapazes. A média de idades é de doze anos e os seus gostos e preferências no que toca à ocupação de tempos livres não difere dos de tantos outros adolescentes, ou seja, computador, televisão, desporto, leitura e música.

Penso que o facto de esta ser uma turma essencialmente composta por alunos provenientes de um contexto algo privilegiado<sup>10</sup> tornou mais fácil o desenvolvimento de bons hábitos de estudo e de trabalho dentro e fora da sala de aula. Além do mais, motivados pelo

---

<sup>10</sup> Famílias em que pelo menos um dos progenitores possui formação superior.

contacto com uma nova língua, os alunos demonstraram sempre grande expectativa e curiosidade face aos conteúdos da disciplina.

Apesar de assíduos e pontuais, os alunos apresentaram sempre alguns problemas a nível de comportamento individual e colectivo no que diz respeito aos primeiros e últimos momentos na aula. Contudo, não deixa de ser curioso que este comportamento algo agitado se transformasse, com apenas um ou outro aviso por parte da professora, num ambiente perfeitamente normal e até favorável ao desenvolvimento da aula.

Sabemos que actualmente o contacto com a língua de aprendizagem excede em larga medida as fronteiras da sala de aula, e embora não seja propriamente invulgar, penso que é importante salientar o facto de a maioria destes alunos pegar em informações escritas ou orais retiradas quase sempre da internet ou da televisão e transportá-las para a aula de Espanhol de forma a melhor compreender o significado e o contexto em que estas ocorrem. A curiosidade, bem como o prazer associado à descoberta de uma língua são, na minha opinião, ingredientes indispensáveis durante o processo de aprendizagem, daí que seja essencial a forma como o professor gere as expectativas da turma. O aluno deve ter presente que, ainda que nem todas as dúvidas possam ser esclarecidas no decorrer da aula, haverá certamente um tempo (no final da aula) ou um espaço (de apoio, por exemplo) onde estas poderão ser colocadas.

Em termos gerais, as aulas foram seguidas com atenção e os apontamentos, bem como a resolução de alguns exercícios escritos, cuidadosamente anotados nos respectivos cadernos diários. Os alunos mostraram-se sempre empenhados e participativos, revelando responsabilidade e autonomia na execução das diferentes actividades. Porém, e se por um lado estes alunos foram dando provas de uma série de características e aptidões extremamente positivas, tais como a capacidade de síntese e de organização em termos de conteúdos ou a responsabilidade com que cumpriam os trabalhos de casa e as tarefas propostas em aula, por outro, penso que há ainda um caminho a percorrer no que toca ao relacionamento interpessoal e ao espírito de grupo e entreajuda, uma vez que nem sempre foi visível o respeito pela palavra ou opinião do colega. Apesar de estes não serem problemas muito graves, sobretudo quando comparados com alguns casos de indisciplina ou violência com que me confrontei no decorrer do ano passado, não podem nem devem ser desvalorizados ou adiados. É importante perceber que também os bons alunos têm os seus problemas, que o facto de integrarem uma escola e uma turma de referência não é por si só razão suficiente para que no seu percurso escolar não manifestem dificuldades iguais às de tantos outros alunos em tantas outras

escolas. Assim sendo, cabe ao professor estar atento, não descuidar os eventuais sinais que possam surgir, pois só assim estará em condições de identificar e dar resposta às necessidades dos seus alunos.

### **3.2.1 Alunos com necessidades educativas especiais**

Relativamente aos dois alunos que apresentaram necessidades educativas especiais, Francisca e Ruben, e partindo do princípio de que a escola actual tem cada vez mais a “... responsabilidade ... de proporcionar uma educação apropriada para os alunos com NEES”<sup>11</sup> foi delineado e seguido um plano educativo que visasse satisfazer as necessidades educativas destes alunos.

Ambos manifestaram sinais de Défice de Atenção, o que em termos práticos se traduz numa forte tendência para “... cometer erros por descuido nas tarefas escolares, no trabalho ou noutras actividades lúdicas”, “... não ouvir quando se lhe dirigem directamente”, “... não seguir as instruções e não terminar os trabalhos escolares, encargos ou deveres no local de trabalho...”, ou mesmo o não envolvimento “...em tarefas que requeiram um esforço mental mantido (como trabalhos escolares ou de casa) ”<sup>12</sup>. Tendo em conta as dificuldades demonstradas, estes alunos passaram a sentar-se numa posição dianteira da sala de maneira a evitar distrações e a beneficiar de condições especiais de avaliação: testes adaptados com tempo extra. Estas medidas foram gradualmente surtindo o efeito desejado, sendo que no final do segundo período já se notavam melhorias consideráveis.

Assim, encarregados de educação, professores, professor de educação especial e técnicos de saúde devem continuar a unir esforços e a desenvolver práticas que ajudem efectivamente os alunos com necessidades educativas especiais a superar gradualmente as suas dificuldades e a melhorar os respectivos potenciais.

---

<sup>11</sup> CORREIA, Luís. *A Escola Contemporânea e a inclusão de alunos com NEE*, p. 17 [ver bibliografia].

<sup>12</sup> Idem, p. 30.

## **4. Observação de aulas**

### **4.1 Português**

A Prática de Ensino Supervisionada pede que se assista a parte das aulas dadas pelo respectivo orientador. Esta observação coloca o professor em formação numa posição privilegiada, uma vez que lhe permite o contacto directo com os meandros da sua reflexão.

No que diz respeito à observação das aulas de Português, penso que será fundamental começar por dizer que o facto de o professor acompanhar estes alunos desde o 7º ano, sendo que actualmente se encontram no 11º ano, contribuiu para que me confrontasse com uma imagem quase perfeita do que deve ser um relacionamento entre quem ensina e quem aprende. As regras do jogo eram em tudo semelhantes às de outros anos embora devidamente adaptadas às exigências de um novo ano lectivo.

A observação de aulas sugere, antes de mais nada, que se reflecta na escolha dos critérios a adoptar. É por formularmos mal as perguntas que muitas vezes não encontramos as respostas. Os parâmetros de observação<sup>13</sup> devem estar devidamente adaptados ao respectivo ano curricular, devem ser claros, específicos e ilustrar o mais possível o comportamento observado. Porém, após a escolha dos critérios, é importante não querer observar tudo numa única aula. Um aluno que chega atrasado à sala durante toda a primeira semana, não é obrigatoriamente um aluno com problemas de pontualidade. É importante terminar o período de observação, para que se possa, de uma forma mais rigorosa, distinguir entre comportamentos pontuais e comportamentos padrão. Comecei por tentar compreender de que forma um professor que acompanha uma mesma turma durante cinco anos consegue diversificar os seus próprios métodos de forma a manter os alunos activamente envolvidos nas tarefas propostas e motivados para a aprendizagem dos diferentes conteúdos.

Primeiro, a forma cuidada, rigorosa e expressiva com que comunicava com os alunos, gerindo as suas expectativas e mostrando total disponibilidade para conduzir e ajudar no complexo processo que é a aprendizagem. Penso que um bom professor de Português deve ser também um bom contador de histórias, pois não basta dominar os conteúdos, é preciso saber fazê-los chegar ao outro lado. A questão que se coloca, e que nos leva ao segundo ponto da minha observação é precisamente essa, como fazer com que os alunos aprendam de forma eficaz? Para além dos textos de carácter obrigatório de que falaremos mais adiante, o

---

<sup>13</sup> Consultar anexo 5.

professor preocupou-se sempre com as características específicas dos textos que introduzia nas suas aulas, quer como suporte às matérias curriculares, quer como estratégia impulsionadora para uma actividade de carácter extra-curricular. Um texto atractivo é aquele que, pelas suas características formais, linguísticas e temáticas reúne as condições necessárias a fim de originar nos alunos uma identificação geradora de interesse. É importante que se entenda a selecção de textos como uma estratégia que pode por si só facilitar o processo de aprendizagem.

Os alunos foram avisados ao longo das primeiras aulas que o programa do 11º ano em nada teria a ver com o estudado no 10º ano, uma vez que seria literariamente muito mais exigente. O estudo de obras como o *Sermão de Santo António aos Peixes*, do Padre António Vieira, *Frei Luís de Sousa*, de Almeida Garrett, *Os Maias*, de Eça de Queirós ou a poesia de Cesário Verde ocuparia parte das aulas, pelo que a leitura de obras mais densas como *Os Maias* teria de ser realizada em casa. No entanto, haveria ainda tempo para algo que foi sempre habitual entre professor e alunos, ou seja, o desenvolvimento de um projecto. Depois de no 7º ano terem trabalhado na elaboração do *Dicionário de coisas nossas*, que consistia na definição poética de palavras, de no 8º ano terem escrito um livro de vinte e um capítulos, intitulado *Os sonhadores*, que se encontra actualmente disponível na Torre do Tombo, em Lisboa, de no 9º ano terem apostado num blog, *Imagens com histórias dentro*, onde eram feitos comentários a imagens aparentemente banais e de no 10º ano terem mesmo realizado e protagonizado um filme de carácter poético, *Todas as palavras do mundo*, era agora a altura de retomar a ideia do blog, embora com novos contornos. Na verdade, o blog foi apenas o ponto de partida, uma vez que o objectivo final para o projecto deste ano, que consistiu na elaboração de micronarrativas, será a sua respectiva publicação no final do terceiro período. Os textos foram assim gradualmente seleccionados ao longo de várias aulas, uma vez que de entre cerca de três micronarrativas que cada aluno lia à turma, o professor seleccionava apenas uma. Esta prática acontecia nos primeiros quinze minutos da aula, de forma a permitir que se prosseguisse com a matéria no tempo restante.

O estudo de textos publicitários como primeiro conteúdo programático a ser abordado em aula foi usado a fim de desenvolver nos alunos espírito e capacidade crítica. Questionados acerca dos seus hábitos enquanto leitores de publicidade, os alunos reconheceram que perante algumas estratégias se sentem inconscientemente atraídos para a compra de determinados produtos. Numa primeira fase o professor pretendeu que os alunos, através de um pensamento

reflexivo, procurassem compreender o porquê de cederem a algumas estratégias publicitárias. Com que tipo de publicidade somos confrontados? De que forma pode o consumidor ser persuadido? Qual deve ser a sua postura? Estas foram apenas algumas das questões trabalhadas em aula e que ajudaram os alunos a desenvolver um pensamento crítico e activo, de tal forma que foi de todo importante a actividade pedida pelo professor e que consistia na criação da primeira página de um jornal.

Os alunos tiveram assim que convencer professor e colegas que as notícias apresentadas, apesar de falsas, poderiam perfeitamente ter sucedido, demonstrando conhecimentos gerais relacionados com a esfera política, social e cultural de outras épocas históricas e literárias, descrevendo e justificando pormenorizadamente a disposição gráfica, quer de textos quer de imagens na respectiva capa e, explicando assim o porquê de determinadas notícias assumirem maior destaque face a outras. Foi ainda importante verificar que se preocuparam em utilizar a imagem como estratégia sarcástica, fazendo perceber como as nossas escolhas enquanto consumidores podem ser muitas vezes condicionadas por critérios que nada têm a ver com qualidade. Este trabalho ajudou os alunos a compreender e a utilizar algumas estratégias orais, e funcionou, digamos assim, como preparação para o conteúdo seguinte.

Antes de iniciar o estudo da obra *Sermão de Santo António aos Peixes*, da autoria de Padre António Vieira, o professor começou por concentrar-se na leitura e análise do discurso político intitulado *Discurso aos participantes na Marcha Sobre Washington pelo Emprego e pela Liberdade*, de Martin Luther King, com o objectivo de mostrar aos alunos de que forma pode um bom discurso levar a que consigamos que os outros entendam e partilhem das nossas opiniões. O *Sermão de Santo António aos Peixes* é um discurso exemplar, explícito desde o início até ao fim, porém, em termos didácticos, talvez seja mais fácil começar por um discurso político relativamente recente.

Estimular nos alunos a curiosidade por aprender os pressupostos que levam à arte da persuasão levou-os a querer entrar na estrutura argumentativa do sermão. Assim sendo, o professor acabou por ser também ele, ao aplicar a sua estratégia de motivação para o texto, uma espécie de orador que tenta convencer o seu público. Os próprios exemplos de persuasão que ia utilizando, nomeadamente quando notava que alguns alunos se encontravam desconcentrados ou a conversar com outros colegas, seria qualquer coisa como “Eu pensava dizer-vos o excerto que irá sair no teste, mas como vejo que não estão concentrados, talvez já

não diga”, conseguindo desta forma que os alunos compreendessem o acto persuasivo em si e também a sua aplicabilidade. A utilização de exemplos claros e expressivos funcionou sempre, no decorrer das diferentes aulas, como importante estratégia no que toca à simplificação da aquisição e entendimento dos diferentes conteúdos, assim como o desenvolvimento de práticas de síntese, tais como esquemas e resumos. Este tipo de actividades mostraram aos alunos como organizar a informação a que iam tendo acesso, ajudando-os a desenvolver numa fase posterior pensamentos coerentes e lógicos.

A didactização das várias obras, *Sermão de Santo António aos Peixes*, *Frei Luís de Sousa* e *Os Maias*, prosseguiu ao longo de todo o meu período de observação seguindo a mesma linha de actuação que tenho vindo a descrever, o que me ajudou a compreender a motivação dos alunos como consequência não só dos resultados obtidos até à data, mas também da consciência do caminho percorrido em termos de aprendizagem. Estes alunos, habituados a ler e a interpretar o que lêem, a explorar oralmente os conteúdos abordados em aula e a escrever e rescrever comentários de opinião, manifestaram sempre interesse e respeito pelas actividades desenvolvidas. Exemplo deste percurso é, na minha opinião, todo o projecto das micronarrativas, desde a apresentação oral em aula, sujeita a avaliação, onde os alunos tentaram demonstrar continuidade, progressão, coesão e coerência a nível de discurso, passando pela justificação das respectivas escolhas em termos de tema e terminando com a descrição de algumas das inquietações sentidas no decorrer do processo de produção de escrita criativa. A capacidade de imaginar e de transfigurar a partir de uma realidade banal e conhecida destacou-se de forma surpreendente em textos como este: “Aqueles que estão mortos não estão mortos, estão apenas a viver na minha cabeça. A minha avó está a viver ao pé da minha orelha esquerda, o meu cão no meu nariz e os meus peixes nos meus olhos. Onde estão as minhas memórias? Quando morrer vou viver na cabeça de quem?” ou este: “ 5:55. Estava perdido entre o anoitecer e o nascer do sol. Estava na ponta do universo conhecido. 5:55, quando o tempo deixa de existir. Segui até ao local do acidente, e lá fiquei, à espera de mim.”, que me deixaram perceber como é importante que se aposte pedagogicamente na originalidade e no espírito criativo dentro e fora da sala de aula.

Não tenho qualquer dúvida que a observação de aulas foi um procedimento essencial no meu percurso, permitindo-me compreender que a maior parte dos objectivos do professor devem assumir um carácter transversal, desenvolvendo nos alunos competências não só académicas ou sociais como também e fundamentalmente pessoais.



## 4.2 Espanhol

Foi com grande curiosidade e expectativa que iniciei o período de observação das aulas de Espanhol. Curiosidade, dada a possibilidade de assistir e contactar com diferentes comportamentos, procedimentos e estratégias que me serviriam de objecto de estudo, e expectativa face ao impacto que os resultados e as conclusões resultantes da prática de descrição e análise teriam na minha vida profissional futura.

A observação de aulas exige ao professor em formação que defina previamente os aspectos mais significativos a avaliar de forma a facilitar o processo de compreensão e análise da respectiva situação de ensino e aprendizagem.

Contudo, e antes de iniciar a descrição propriamente dita dos hábitos e métodos de trabalho seguidos pela professora orientadora ao longo das várias aulas de Espanhol a que assisti, penso que será importante reflectir em algumas questões metodológicas. Por um lado a questão que se coloca é: pode uma abordagem tradicional, centrada no método expositivo e preocupada quase unicamente com a transmissão de conhecimentos, essencialmente gramaticais, preencher as necessidades dos alunos? E por outro: será suficiente que os alunos aprendam única e exclusivamente através de actividades e tarefas comunicativas? Embora a resposta pareça evidente e independentemente da preferência de cada professor é, a meu ver, importante que se considerem as vantagens e as desvantagens relativamente a ambos os sistemas. Sabemos que o papel do professor não pode ser o de mero transmissor de conhecimentos, que é fundamental que este se preocupe em mostrar aos seus alunos a aplicação prática dos conteúdos ensinados. Porém, não tenho dúvidas que uma aprendizagem feita somente através do método comunicativo seja também incompleta. O facto do aluno saber para que serve não invalida que saiba o que é.

A professora orientadora, consciente da importância do método comunicativo procurou, sempre que possível, proporcionar situações em que com base num modelo os alunos pudessem construir o seu próprio conhecimento. Por várias vezes foi-lhes proposto que apostassem na construção de diálogos onde mencionassem estruturas de saudação e de despedida, onde pedissem informações ou caracterizassem os colegas quer física quer psicologicamente, ou ainda que descrevessem as suas rotinas diárias.

A utilização do formato áudio constituiu também uma hipótese bastante atractiva sob o ponto de vista da aprendizagem dos alunos. A reprodução em aula de algumas músicas,

nomeadamente da canção *Pop*<sup>14</sup> veio reforçar e desenvolver hábitos de compreensão oral através da exposição directa ao uso nativo da língua. A actividade de pré-audição revelou-se fundamental pois forneceu aos alunos as informações necessárias para que pudessem compreender e participar activamente num momento de pós-audição. A canção surgiu assim no seguimento do estudo dos hábitos e vícios sociais remetendo também para o aprofundamento da aprendizagem do Presente do Indicativo. A professora começou por abordar o trajecto profissional de algumas pessoas famosas no âmbito da música e da representação, fornecendo aos alunos excertos de entrevistas e biografias. Estes realizaram ainda, como actividade de revisão, alguns exercícios de completamento de espaços com o tempo verbal em questão. Quanto à audição, esta teve o efeito pretendido, ou seja, o de suscitar o interesse dos alunos, levando-os a memorizar mais facilmente o vocabulário desconhecido. No final houve ainda tempo para que os alunos trocassem opiniões acerca da mensagem presente na música.

Penso que esta actividade poderia também ter sido aproveitada da seguinte forma: os alunos poderiam ter sido divididos em vários grupos de maneira a que cada um deles tentasse transcrever apenas uma parte da música. No final poderiam confirmar se o que tinham ouvido correspondia ao que tinham escrito. Uma espécie de ditado disfarçado pelo aspecto lúdico.

Gostaria ainda de salientar a utilização da banda desenhada *Ella y Potetoz. De nada sirve correr*<sup>15</sup> no seguimento da unidade didáctica *¿Qué haces todos los días?*. O contacto com esta publicação, destinada essencialmente ao público adolescente, mostrou-se bastante útil no que toca a dar a conhecer aos alunos alguns vocábulos e expressões *argot* do mundo ibero-americano. Expressões como: *la mole*<sup>16</sup>, *me toma por una listilla*<sup>17</sup>, *las pantorrillas*<sup>18</sup>, *es mazo de tarde*<sup>19</sup> ou *tranqui, tronca*<sup>20</sup> fogem sem qualquer dúvida à norma, no entanto, aproximam os jovens da realidade.

A motivação dos alunos no que toca ao contacto com matérias originais é totalmente distinta quando comparada com o contacto com materiais construídos. A curiosidade e o interesse *disparam* permitindo que o processo de aquisição de conhecimentos decorra naturalmente com maior facilidade.

---

<sup>14</sup> la oreja de van gogh, *el viaje de copperpot*, 2000.

<sup>15</sup> In *Okapi*, nº. 36, 2004.

<sup>16</sup> a mostra

<sup>17</sup> acha-me uma manhosa

<sup>18</sup> as pernas

<sup>19</sup> é *bué* tarde

<sup>20</sup> tranquila pá

Em termos gerais a professora Manuela Furtado foi sempre bastante clara na forma como procurou expor os conteúdos relativos às diferentes unidades didácticas, esclarecendo os alunos acerca dos objectivos a atingir durante as actividades propostas e orientando para uma aprendizagem estimulante. Durante o meu período de observação e no que toca à utilização de recursos didácticos a professora serviu-se praticamente sempre do *Manual do Aluno*<sup>21</sup>, do *Caderno de Actividades* e de *Fichas de Trabalho*. Porém, o facto de estes serem materiais tipicamente convencionais não impediu obviamente que as actividades tenham decorrido com sucesso. A construção de horários escolares em comparação com um modelo de horário espanhol, a leitura expressiva de alguns textos poéticos ou mesmo a interpretação através de imagens são apenas alguns exemplos de exercícios, escritos e orais, propostos pelo manual escolar que contaram com o interesse e participação de todos.

Porém, e no que diz respeito à observação do comportamento dos alunos comecei por tentar distinguir algumas características no que toca às atitudes e valores dos mesmos, tentando perceber de que forma o interesse e o empenho demonstrados, o respeito pelas regras de funcionamento da sala de aula, a cooperação com os colegas e o espírito de grupo e entreajuda se reflectiriam positivamente em termos de desenvolvimento de competências e aproveitamento. Tentei ainda por meio de diferentes grelhas de observação<sup>22</sup> estabelecer critérios específicos, que me permitissem identificar as principais dificuldades dos alunos, bem como as estratégias utilizadas pela professora a fim de superar as mesmas.

Uma das dificuldades observadas deveu-se à proximidade entre as duas línguas, o que muitos julgam ser uma vantagem foi antes um obstáculo difícil de superar. Algumas palavras eram utilizadas erradamente através da associação entre um vocábulo português e a sua junção a um sufixo tipicamente espanhol, por exemplo coração - *coración* em vez de *corazón* ou apontamentos – *apontamientos* em vez de *apuntes*. Apesar de este tipo de associações serem frequentes em alunos portugueses penso que foi bastante importante o facto de a professora ter insistido em actividades que levassem os alunos a trabalhar o erro e a perceber a sua razão. Para ultrapassar uma dificuldade é necessário compreendê-la. Assim, a aposta em exercícios de caça ao erro, através de textos fornecidos pela professora ou da correcção de frases de colegas, que propositadamente podem utilizar alguns vocábulos contaminados, permite que os alunos apliquem conscientemente as suas dificuldades e se divirtam reconhecendo as dos seus colegas.

---

<sup>21</sup> *Español 1 – Nivel Elemental* [ver bibliografia].

<sup>22</sup> Consultar anexo 6.

Já no que diz respeito a problemas de interesse e concentração a resposta esteve muitas vezes na realização de actividades práticas, trabalhos individuais ou a pares, com apresentação oral perante a turma. Se o que gera desinteresse por parte dos alunos é muitas vezes a não compreensão de alguns conteúdos ou a sua aplicabilidade então há que apostar em tarefas práticas que os ajudem a perceber a importância de saber fazer.

O meu lugar no final da sala foi-me permitindo não só presenciar como também contactar e interagir directamente com as dúvidas dos alunos uma vez que era frequente que me colocassem questões e pedissem que lhes corrigisse alguns exercícios. Devo dizer que foi para mim muito importante poder fazê-lo, ainda que soubesse que na condição de professora estagiária não iria poder participar activamente com a frequência pretendida.

## **5. Descrição da Prática de Ensino Supervisionada de Português**

### **5.1 Primeiras questões – métodos e hábitos de trabalho**

Antes de iniciar a minha prática pedagógica compreendi que deveria começar por escolher as ferramentas com que pretendia trabalhar.

Comecei por reflectir nos métodos e hábitos de trabalho que pretendia privilegiar nas minhas aulas, mas a verdade é que nem sempre encontramos as respostas com a prontidão e objectividade que precisamos. O tempo que dediquei à minha reflexão foi fundamental e permitiu o amadurecimento dos meus projectos. A metodologia é, na minha opinião, uma espécie de gaveta compartimentada onde cada profissional deve arrumar os seus objectivos e critérios.

Não acredito que se possa optar por um único método, ainda que inicialmente julguemos que este preencha todas as nossas necessidades. A aprendizagem é um processo complexo, cujo sucesso depende muitas vezes da capacidade criativa do professor. Acredito numa metodologia activa, em que os alunos aprendam através da experiência. Aprende-se a ler, lendo. Aprende-se a escrever, escrevendo. Aprende-se a falar, falando. Aprende-se a pensar, pensando. Se o professor lê, escreve, fala e pensa pelo aluno, então, este mais não é que um ser passivo que apenas ouve, memoriza e repete.

Antes de partir gosto de saber para onde vou, daí que tenha sido para mim fundamental estabelecer uma espécie de plano, um conjunto de estratégias e objectivos que me permitiriam compreender de forma mais completa e rigorosa o meu trabalho com os

alunos. Sabia que o bom funcionamento das minhas aulas dependia em grande parte do meu desempenho, da minha capacidade para mobilizar e incentivar os alunos a adquirir conhecimentos. Tinha ainda a responsabilidade acrescida de não romper com o ambiente dinâmico e positivo a que estavam habituados, e de proporcionar actividades que estimulassem a criatividade e o espírito crítico. Entendia a importância de elaborar os meus próprios materiais de trabalho, de produzir e proporcionar aos alunos experiências que os ajudassem a comunicar e a interagir.

A metodologia activa, verbal e intuitiva, prepara os alunos tendo em conta a importância do saber fazer, coloca-os numa posição em que são levados a pensar autonomamente até que encontrem uma solução. Contudo, nada invalida, na minha opinião, que este percurso seja feito com a ajuda de meios demonstrativos, tais como vídeos, filmes ou PowerPoints. Sabemos que o aluno de hoje assume, como não poderia deixar de ser, uma postura dinâmica, de descoberta e de participação activa, pelo que considero, que só vários métodos poderão satisfazer plenamente as suas necessidades. O professor deve apostar na diversidade, levar o aluno a compreender e a assimilar através de diferentes formas de ensino.

## **5.2 Relação Pedagógica, Planificações e Materiais**

A forma como o professor pensa o seu papel dentro da sala de aula, como perspectiva a sua relação com os alunos e com os seus próprios métodos e hábitos de trabalho, deve basear-se sobretudo no carácter cada vez mais pluridimensional da sua prática didáctica e pedagógica. O professor de hoje prolonga-se para lá do tempo e do espaço da sala de aula, daí que uma boa relação pedagógica com os alunos funcione por si só como elemento impulsionador.

Consciente de que o primeiro contacto com a turma é peremptório, investi desde o início, em atitudes que demonstrassem da minha parte segurança e rigor. Penso que o domínio do acto expositivo e comunicativo bem como a firmeza demonstrada a nível de exigências foi fundamental para assegurar o bom desempenho dos alunos.

As primeiras seis aulas que planifiquei<sup>23</sup> e consequentemente leccionei tinham como objectivo principal o estudo da obra dramática *Frei Luís de Sousa*, de Almeida Garrett, mais especificamente do seu Acto I.

---

<sup>23</sup> Consultar anexo 7.

A primeira aula deve, na minha opinião, sensibilizar o aluno para a importância de conhecer os contextos e os contornos, não só da obra literária, mas também da época a que esta se refere. Contextualizar não é *despejar* matérias e informações sem qualquer utilidade prática para os alunos. É indispensável que estes compreendam os objectivos do professor, que se identifiquem e se revejam nos seus hábitos e métodos, uma vez que desta aprendizagem prática resultarão as ferramentas e as bases necessárias para o desenvolvimento de um trabalho cada vez mais autónomo. Seguindo esta linha de pensamento, comecei por confrontar os alunos com o título da obra, uma vez que esta era a primeira e única informação que tinham até à data sobre o texto. Mas, porque não sabiam os alunos quem era Frei Luís de Sousa? Porque não tinham efectuado uma leitura prévia do texto? Tratando-se de uma obra dramática e com apenas três actos, à boa e tradicional maneira clássica, pareceu-me que seria de todo útil, sob o ponto de vista didáctico, que a lêssemos integralmente em sala de aula. Até porque penso que o modelo de escola actual, mais preocupado em cumprir os programas do que em investir na aprendizagem dos seus alunos, conduz à ideia totalmente errada de que todos os textos devem ser lidos em casa e analisados em aula, embora tal não se aplique a obras demasiado extensas que por questões de gestão de tempo, não podem evidentemente ser lidas na íntegra em sala de aula. Mas pensemos por exemplo num aluno que leu em casa e que não entendeu o que leu ou num aluno que leu e até compreendeu mas que passados três dias vai para a aula e já não se recorda. A questão que se coloca é: que tipo de participação terão estes alunos? Penso que o mais natural é que não participem, pois sentem que de alguma forma faltaram com o que lhes tinha sido pedido. E a verdade é que não faltaram, leram o texto mas por interferência de outras dificuldades sentem-se inibidos e não participam, e isso é o que o professor certamente não quer. Daí que trabalhar o texto em aula seja, a meu ver, estimulante, eficaz e produtivo. A sala de aula é por excelência o lugar onde se debatem e analisam textos, onde se lê, se escreve e se expõem as dúvidas.

Justificado este aspecto, voltemos à importância do título da obra e à estratégia por mim utilizada para abordar este ponto. Mantendo o objectivo de ensinar e motivar os alunos a pesquisar e a organizar informação, utilizei como modelo um PowerPoint, que apesar de simples, se mostrou bastante eficaz no seu objectivo de ilustrar o tipo de informação que podemos retirar a partir apenas de um título. Assim, o apêndice, *Frei*, funciona como um esclarecimento adicional que informa e conduz o leitor para um universo religioso, ao passo que *Luís de Sousa*, enquanto nome próprio, remete a personagem que dá nome à obra, para a

existência real histórica, como os alunos puderam aliás comprovar de imediato através de um texto<sup>24</sup> projectado em sala de aula.

A inclusão das novas tecnologias, nomeadamente do computador e do projector, dentro da sala de aula, ainda que de forma inicial, suscitou nos alunos uma reacção bastante positiva, e a aula beneficiou com isso. No entanto, é bom que se tenha bem presente que esta seria igualmente possível sem a utilização destes equipamentos. Contudo, não me parece que essa seja a questão, não se trata de tentar perceber se é ou não possível, mas sim de analisar como podem as TIC ajudar o professor a melhorar o seu trabalho e a forma como comunica com os seus alunos. Assim sendo, decidi explorar a ideia inicial do PowerPoint e criar como que um *Dossier Digital*, onde reuni vários materiais que complementavam e ajudavam os alunos a compreender os conteúdos programáticos. Cada separador correspondia a um aspecto a trabalhar, um suporte que, apesar de bastante completo, não dispensava uma análise mais detalhada em sala de aula. Concordo plenamente com Anabela Fernandes e António Silva quando afirmam que “o professor é o gestor de tudo aquilo a que o aluno tem acesso, o que, em termos práticos significa que o papel do professor é preponderante em toda a fase de preparação das sequências de aprendizagem, se bem que, posteriormente, o aluno aceda isoladamente aos materiais que o professor ordenou”<sup>25</sup>.

Esta primeira aula tinha como objectivo facultar aos alunos a aquisição de métodos e técnicas de abordagem textual, para que numa fase posterior pudessemos desenvolver e aperfeiçoar a capacidade de leitura expressiva e a própria análise argumentativa.

À abordagem inicial da obra, onde estudámos as *Fontes de Frei Luís de Sousa* e a *Estrutura do texto dramático*<sup>26</sup>, seguiu-se a leitura das primeiras cenas do Acto I. Penso que ao investir neste primeiro contacto com o texto, prendi a atenção dos alunos, envolvi-os e contribuí para que a sua compreensão do texto fosse para lá do que lhes estava a ser ensinado. Forneci-lhes as ferramentas que precisavam para que gradualmente, e nas aulas seguintes, pudessem reconhecer e analisar elementos e estruturas simbólicas de forma mais ou menos autónoma. Sabemos que um texto cruza simultaneamente várias informações, de maneira que é necessário não querer abordar tudo ao mesmo tempo. Talvez seja importante que parte da aula possa ser dedicada à consolidação dos conhecimentos supostamente apreendidos. Como?

---

<sup>24</sup> In, Lexicoteca, *Moderna Enciclopédia Universal*, Círculo de Leitores.

<sup>25</sup> *II Jornadas Científico-Pedagógicas de Português*, p. 185 [ver bibliografia].

<sup>26</sup> *Dossier Digital*, consulta disponível em anexo através de Cd-rom.

Através de actividades que pela sua natureza motivem e aliciem os alunos a encontrar as respostas pretendidas. Por exemplo, após o estudo dos *indícios e presságios*, dos *sinais de religiosidade* e dos *vestígios de conflito interior da personagem D. Madalena*, pedi aos alunos que escolhessem uma destas temáticas, que se organizassem em grupos, e que reunissem, com base apenas nas cenas estudadas, essas mesmas marcas. Não demonstraram qualquer problema ou conflito em formar os grupos, realizaram a tarefa dentro do tempo previamente estabelecido, ou seja, cerca de quinze minutos, e mostraram-se empenhados e concentrados durante a sua execução. O objectivo desta tarefa, não era apenas o de testar a capacidade de trabalho e organização dos alunos, mas também o de perceber em que medida conseguem seleccionar a informação e distinguir entre o essencial e o acessório. Os objectivos foram cumpridos e os alunos puderam partilhar entre si as suas conclusões.

À medida que a minha prática foi decorrendo, fui tendo cada vez mais presente que as novas tecnologias vieram transformar a sala de aula, no sentido em que vieram adaptá-la às exigências do mundo real e moderno, permitindo um desdobramento para lá do tempo e do espaço. A possibilidade de aceder a partir da sala de aula a entrevistas ou excertos de documentários que estejam directamente relacionados com os conteúdos é, enquanto recurso, bastante enriquecedora. Porém, no caso específico da didactização desta obra, optei por não recorrer ao formato do vídeo, uma vez que tratando-se ainda da análise do Acto I, não me pareceu que o digital viesse acrescentar nada de significativo ao conteúdo da aula. E quando assim é, o professor deve, na minha opinião, ser coerente e não recorrer às TIC de forma fortuita, uma vez que a banalização ou o mau aproveitamento de um recurso ou de uma estratégia pode ser tão ou mais prejudicial que a sua não utilização.

As primeiras seis aulas que leccionei, com base essencialmente no estudo da obra dramática de Garrett, tiveram em comum o objectivo de suscitar nos alunos o gosto pela interpretação do texto literário, de ajudá-los a compreender e a inferir sentidos implícitos e a reflectir no valor simbólico de alguns elementos. Estes são objectivos ambiciosos, uma vez que para a sua concretização, tive de motivar os meus alunos logo desde o início da aula, mostrando-lhes que eram capazes de assimilar, aplicar e readequar os conhecimentos aprendidos.

Definir os objectivos gerais ajudou-me a compreender o que pretendia enquanto objectivos específicos. Preocupei-me em criar hábitos de trabalho, orais e escritos, que desenvolvessem nos alunos a capacidade de compreender e interpretar as diversas



informações trabalhadas em aula. Vejamos os seguintes exemplos. Ao solicitar, num momento inicial, que um ou mais alunos sintetizassem os aspectos mais importantes da última sessão, permiti, ao que julgo, que se retomassem não só as certezas mas também as dúvidas em relação aos conteúdos anteriormente leccionados. O que fiz foi tentar que os alunos se recordassem por terem de facto compreendido e não porque ouviram e memorizaram. O mesmo aconteceu em relação a um trabalho de casa escrito, onde pedi que elaborassem um pequeno texto onde explicassem a seguinte afirmação (tendo apenas em conta a noção de amor para as personagens *D. Madalena* e *Telmo* ao longo do Acto I): *O próprio amor é na obra de Garrett como que uma personagem de diversos rostos*. Esta actividade possibilitou que os alunos reflectissem na relação entre personagens, procurando elementos e informações que lhes permitissem a construção de um comentário coerente, coeso, estruturado e dotado de sentido crítico. Estes mesmos textos foram-me enviados por correio electrónico, e após a respectiva correcção, trabalhámo-los e lemo-los em aula. Trabalhar a expressão escrita é um processo contínuo, há que levar os alunos a escrever sempre mais e melhor, incitá-los a que apresentem os seus textos, para que estes possam ser melhorados. Reescrever ajuda-nos a aprender a escrever.

Promovi também uma actividade de debate, onde os alunos, divididos em dois grupos, tiveram que expressar as suas ideias de forma fluente e organizada, participando empenhadamente na construção de um ambiente dialogante e de respeito pelo outro. O debate tinha como objectivo temático explorar e contrapor a perspectiva do mito sebastianista e da eventual possibilidade de regresso da personagem *D. João de Portugal*, contrapondo-o à probabilidade de não existir espaço no presente para os fantasmas do passado. Penso que esta foi uma actividade bem conseguida, no sentido em que os alunos se mostraram interessados e empenhados, participando de forma activa e contribuindo para o sucesso da tarefa. Estimular os alunos a discutir e a partilhar opiniões e pontos de vista, desde que de forma bem fundamentada, é contribuir para um melhor desempenho a nível da compreensão e expressão oral.

Chegava ao fim o Acto I, e com ele o meu contributo pedagógico, uma vez que os dois restantes actos ficaram a cargo do professor Carlos Lopes.

O segundo momento de aulas que leccionei teve como rampa de lançamento temático, digamos assim, o pedido que me havia sido feito desde o início do ano lectivo pelo respectivo professor da disciplina, que consistia no desenvolvimento de um projecto que poderia ou não

estar relacionado com o programa. A ideia motivou-me por várias razões, que passo a explicar. Em primeiro lugar, penso que o estudo obrigatório, sistemático, exaustivo e sujeito a avaliação das obras que integram o programa, impede, de certa forma, que os alunos, em termos gerais, encontrem a motivação e a disponibilidade necessárias para realizar outras leituras. Mas para além da obrigatoriedade dos programas, a sala de aula encontra-se totalmente corrompida por questões de tempo, ou seja, muitos conteúdos para pouco tempo, o que obviamente não contribui para o desenvolvimento de actividades criativas que estimulem o sentido crítico dos alunos. E se a tudo isto juntarmos a preocupação exagerada de muitos professores e alunos para com a preparação para os exames nacionais, fazendo desta prova um fim último e não uma consequência natural resultante do processo contínuo de aprendizagem, compreendemos que é de louvar a atitude deste professor, que como orientador, se preocupou em mostrar-me que existe um caminho paralelo que pode e deve ser percorrido.

Preocupei-me assim em trabalhar textos supostamente desconhecidos, que incentivassem os alunos a saborear as histórias, a descobrir e a associar significados de forma livre e fundamentada.

Durante as três aulas de projecto trabalhei conjuntamente com os alunos os seguintes textos: O *Manifesto Anti-Dantas*, de José de Almada Negreiros, os poemas *Este poema é absolutamente desnecessário*, de António Ramos Rosa e *Gaiola de Vidro*, de Jorge de Sena e por último o conto *O menino e o caixote*, de Mário-Henrique Leiria.

No que diz respeito ao *Manifesto Anti-Dantas*, a apresentação do texto em si foi feita aos alunos recorrendo ao formato digital, mais propriamente ao suporte vídeo. O programa *Windows Movie Maker* permitiu-me apresentar o texto de Almada Negreiros devidamente acompanhado pela voz de Mário Viegas. Este programa permite ao professor montar o seu *storyboard* e acrescentar-lhe simultaneamente o áudio. A possibilidade de combinar efeitos visuais com efeitos sonoros, de associar a voz ao texto digital funcionou enquanto estratégia, uma vez que tal como pretendido prendeu a atenção dos alunos desde o início ao fim. O *Manifesto Anti-Dantas*, como texto de carácter interventivo, mobilizou-os através de uma linguagem directa, insultuosa, ofensiva e provocadora, usando de forma propositada a ironia sarcástica como grito de irreverência. A utilização de onomatopeias, exclamações, repetições e enumerações que iam sublinhando a intenção oral do autor entraram no ouvido dos alunos através da engenhosa proclamação de Mário Viegas. Os insultos primários despertaram risos e até alguma estranheza, no entanto, foi fácil perceber alguma tristeza e preocupação nos rostos

dos alunos, sobretudo no final do texto quando Almada refere que “Portugal que com todos estes senhores conseguiu a classificação do país mais atrasado da Europa e de todo o Mundo! O país mais selvagem de todas as Áfricas! O exílio dos degredados e dos indiferentes! A África reclusa dos europeus! O entulho das desvantagens e dos sobejos! Portugal inteiro há-de abrir os olhos um dia - se é que a sua cegueira não é incurável e então gritará comigo, a meu lado, a necessidade que Portugal tem de ser qualquer coisa de aseado!”<sup>27</sup>, fazendo perceber uma espécie de identificação para com os problemas da sociedade actual.

Logo no início da aula, antes da exibição do vídeo, e após a explicação dos objectivos do meu projecto, pedi aos alunos que deixassem as suas mesas livres, sem livros, cadernos ou papéis. Não pretendia que tirassem notas escritas, tudo o que precisavam era de consciência e sentido crítico.

Após o vídeo os alunos deram as suas opiniões, mostrando-se surpreendidos com o carácter ousado e destemido do texto e reconheceram que este não era um ataque contra um único homem, mas sim contra toda uma geração, possivelmente conservadora e recheada de falsos pudores. Os alunos comentaram o texto, com base no que tinham visto e ouvido, sem que para tal eu tivesse que abordar exaustivamente o momento histórico e literário referido. Ensinar é também fazer pensar, questionar e incentivar a opinião pessoal e fundamentada. Daí que, vinte minutos antes do final da aula, tenha sugerido aos alunos que no restante tempo, e inspirados no *Manifesto Anti-Dantas*, escrevessem o seu próprio Manifesto, tendo em conta os hábitos, os costumes e os vícios da sociedade actual. Os textos foram lidos no início da aula seguinte e os objectivos da actividade cumpridos.

O projecto prosseguiu através da leitura e análise dos poemas *Este poema é absolutamente desnecessário* e *Gaiola de Vidro*, que tiveram como objectivo despertar a sensibilidade dos alunos para a importância de saber interpretar códigos e compreender a mensagem. Decifrar um poema não é o mesmo que analisar um texto narrativo, uma vez que para além da análise formal, interpretativa, linguística e estilística é ainda necessária uma disponibilidade para reconhecer pistas e compreender significados que estejam para lá do que está efectivamente escrito. De tal forma que achei importante pedir aos alunos que sugerissem um título para o poema *Gaiola de Vidro*, uma vez que este não lhes havia sido dado, e que o justificassem com base no que havíamos estudado em aula.

---

<sup>27</sup> Negreiros, José de Almada. *Manifesto Anti-Dantas*, p.15 [ver bibliografia].

Na terceira e última aula de projecto, dedicada ao estudo do conto *O menino e o caixote*, comecei por propor aos alunos que após uma leitura silenciosa do texto, trabalhassem individualmente no seu final, uma vez que a versão que tinham encontrava-se propositadamente incompleta. Procurei que inconscientemente, e antes de qualquer abordagem ao texto, se infiltrassem no mundo incrível dos contos.

A actividade decorreu em sensivelmente vinte minutos, o que deixou tempo não só para a leitura dos respectivos finais, mas também para a interpretação atenta e profunda do próprio texto. Devo dizer que os finais não me surpreenderam, uma vez que não esperava que censurassem ou castrassem a vontade do pequeno Ernestinho, muito pelo contrário, esperava que reconhecessem, e de facto assim foi, que esta é a história de alguém que rompendo a barreira da realidade queria muito ter um leão, não um gato ou um pássaro, mas sim um leão. Querer um leão significa acreditar que é possível transformar as fantasias em reflexos da nossa realidade, significa que não devemos, ainda que fortemente influenciados pelas convicções do mundo adulto, abandonar a capacidade de sonhar e criar um mundo melhor, por mais ideal ou utópico que ele seja. O contacto com a dimensão ficcional transportou os alunos, tal como esperado, para o mundo do fantástico, o que sob o ponto de vista criativo é verdadeiramente importante e estimulante em ambiente de sala de aula.

### **5.3 Testes de avaliação e respectiva correcção**

O final do Acto I de *Frei Luís de Sousa* trouxe consigo a necessidade de um teste de avaliação. A concepção do teste em si não teria sido para mim algo difícil uma vez que os conteúdos a abordar tinham sido ensinados no decorrer da minha prática assistida. No entanto, e apesar de o vir a fazer mais tarde relativamente à obra *Os Maias*, este teste foi ainda da responsabilidade do professor da disciplina. Importa contudo realçar que o facto de não o ter feito não impediu que estivesse envolvida no seu processo de elaboração e correcção. O professor Carlos Lopes, enquanto orientador, revelou-se empenhado em mostrar-me como pensar um elemento de avaliação escrito. O teste dividir-se-ia em dois grupos, o primeiro com duas questões de escolha múltipla e outras três de desenvolvimento, e o segundo grupo, com apenas uma única questão que privilegiaria a produção de um texto expositivo-argumentativo com base na obra estudada. Os enunciados deveriam ser produzidos de forma clara e objectiva para que os alunos pudessem facilmente compreender e interpretar o que era pedido. Além do mais era também fundamental que as questões, de uma forma geral, incidissem sobre os

vários aspectos trabalhados em aula, uma vez que um dos objectivos da avaliação escrita é comprovar de que forma os alunos estão ou não a acompanhar e a assimilar as diversas perspectivas e abordagens à obra. Compreendidos estes pressupostos iniciais, eu estaria em condições de realizar o próximo teste. Talvez seja importante referir que a minha aprendizagem, não só no que diz respeito à elaboração de elementos de avaliação, mas também quando relacionada com planificações e estratégias inerentes à selecção, organização e abordagem dos mais diversos conteúdos ocorreu de forma simples, o que me permitiu compreender com maior clarividência os passos a seguir.

Para este mesmo teste, do qual corriji todo o primeiro grupo, tive em conta, para além dos cenários de resposta, onde constam as principais linhas orientadoras e tópicos a avaliar, também critérios de correcção de âmbito mais geral<sup>28</sup>, que apesar de transversais a qualquer teste de Português, me ajudaram a distinguir entre os diferentes níveis em que cada aluno se posicionava, e com isso a atribuir uma classificação quantitativa, ao que julgo, mais justa e rigorosa.

Desta forma, a aula de correcção do teste, dada conjuntamente por mim e pelo professor Carlos, consistiu essencialmente em mostrar aos alunos de que forma poderiam melhorar as suas respostas, não tanto a nível de conteúdos mas sim a nível de organização e correcção linguística. A aula de correcção de teste é, na minha opinião, muito importante, uma vez que permite que os alunos ouçam as respostas dos colegas, que as comparem e que compreendam onde e porquê poderiam ter feito melhor. As notas deste teste, apesar de oscilarem entre os treze e os dezanove valores, sendo a média de dezasseis valores, foram inferiores ao que é habitual, pelo que o professor terminou a aula dizendo *não vamos esquecer isto*, não vamos fingir que não aconteceu ou que se tratou de um simples erro de percurso, *vamos lembrar isto*, de forma a superar as dificuldades existentes.

No último teste do segundo período<sup>29</sup>, já relativo à obra *Os Maias*, de Eça de Queirós, pude então pôr em prática o que me havia sido ensinado e desempenhar autonomamente ambos os processos. Os resultados finais foram, em termos gerais, melhores, no entanto relativamente à média, esta não se alterou, mantendo-se assim nos dezasseis valores. A entrega e correcção destes mesmos testes foi feita por mim numa aula seguinte, uma vez que o professor Carlos se encontrava em visita de estudo. A aula decorreu normalmente, tendo os alunos exposto as suas dúvidas relativamente à correcção e trabalhado na construção de novas

---

<sup>28</sup> Disponíveis em [www.gave.min-edu.pt](http://www.gave.min-edu.pt)

<sup>29</sup> Consultar anexo 8.

respostas. No final, alguns deles quiseram saber uma ou outra cotação atribuída, e dado que este é um procedimento a que estão habituados, não tive qualquer problema em fazê-lo.

No entanto, ainda durante o processo de correcção deparei-me com um teste que me levantou muitas dúvidas. Uma das respostas era provavelmente retirada da internet ou de uma edição crítica, pois para além de não responder objectivamente à questão partia para considerações muito específicas que pouco tinham a ver com que era perguntado. Por não poder provar que a resposta tinha sido copiada e dado que o professor Carlos se encontrava fora do país optei por classificar a resposta com uma cotação muito abaixo do que o aluno certamente esperaria. No final da aula veio assim falar comigo dizendo que não entendia o que estava mal na sua resposta. Quando pedi que me explicasse assumiu que não o poderia fazer porque a tinha memorizado pelo que ficou absolutamente justificada a cotação atribuída. Esta situação invulgar levou-me a fotocopiar o teste e a levá-lo para a reunião de avaliação. Durante o Conselho de Turma, e após já ter falado do assunto com o professor Carlos Lopes compreendi que o comportamento deste aluno não era ocasional uma vez que situações iguais ou muito semelhantes tinham também ocorrido noutras disciplinas. Os pais seriam assim chamados à escola, pois a sua participação seria obviamente fundamental no que toca à resolução deste problema, que como facilmente se percebe tem implicações mais graves que as do próprio acto em si. É grave copiar durante um teste mas é ainda mais grave que quando apanhado o aluno não o reconheça, chegando mesmo a ser, embora não na disciplina de Português, incorrecto ou indelicado.

Talvez seja ainda importante esclarecer que a avaliação levada a cabo pelo professor Carlos Lopes e devidamente orientada pelos critérios do departamento de línguas românicas privilegiou, como não poderia deixar de ser, a nível de conhecimentos, capacidades e competências, e com um peso de vinte e cinco por cento, a compreensão e produção oral através da participação em aula, leitura, inteligibilidade da comunicação e apresentação de trabalhos individuais e em grupo. No que diz respeito à compreensão e produção escrita, com um peso de sessenta por cento, os alunos foram avaliados com base nos respectivos testes de avaliação, fichas de trabalho, composições e comentários de opinião. Todo o trabalho desenvolvido extra aula – trabalhos de casa, projectos e investigações ou actividades de complemento curricular – assumiu um peso de cinco por cento na avaliação final, sendo que os restantes dez por cento foram atribuídos consoante o comportamento e atitudes revelados,

ou seja, a atenção, o interesse, o empenho e cumprimento de regras bem como o relacionamento interpessoal e o sentido de responsabilidade.

Embora reconheça as contrariedades inerentes ao processo, a verdade é que não vejo a avaliação como um momento particularmente difícil. O professor deve ser o mais coerente e rigoroso possível na formulação e aplicação dos seus parâmetros de avaliação, uma vez que o objectivo não é avaliar tudo, mas sim o mais importante sob o ponto de vista da aprendizagem do aluno. A avaliação, seja ela oral ou escrita, ajuda não só o professor a compreender melhor as dificuldades dos seus alunos como permite que estes se confrontem e posteriormente superem os seus próprios obstáculos.

## **6. Descrição da Prática de Ensino Supervisionada de Espanhol**

### **6.1 Introdução**

A Prática de Ensino Supervisionada na Escola Secundária Quinta do Marquês foi na verdade a minha segunda experiência no âmbito da docência de Espanhol, uma vez que no ano lectivo passado, 2008-2009, leccionei na Escola Secundária Madeira Torres, designadamente a turmas do 7º e 10º ano do Curso Profissional de Turismo e 11º ano de Línguas e Humanidades. A experiência foi diversa e exigente mas inspiradora, uma vez que me permitiu contactar pela primeira vez com as diferentes e habituais problemáticas didáctico-pedagógicas inerentes ao processo de ensino e aprendizagem.

O estágio surgiu assim como uma oportunidade que me foi ajudando a compreender e a reestruturar os meus conhecimentos, reinventando actividades e adaptando os diferentes materiais às exigências de um ensino cada vez mais preocupado em preencher as necessidades da escola moderna. Nesse sentido, procurei delinear estratégias que me ajudassem a compreender como poderia utilizar as novas tecnologias da informação e da comunicação em benefício do meu trabalho, fomentando práticas que interagissem com os gostos e interesses dos alunos.

Desta forma, preocupar-me-ei em descrever e analisar a minha Prática de Ensino Supervisionada tendo em conta todas as etapas da minha aprendizagem. Comecei por explorar algumas das fases mais significativas no que toca à construção de uma aula de língua estrangeira abordando e valorizando, como não poderia deixar de ser, actividades não só comunicativas mas também de compreensão, expressão e interacção oral e escrita. Associadas a estas esteve sempre a construção e utilização de vários materiais didácticos que pela sua

natureza, ora convencional ora de aplicação tecnológica, me foram permitindo a estruturação de uma reflexão atenta e ponderada.

## **6.2 Planificações**

Apesar de este não ser o meu primeiro contacto com a preparação de aulas, não deixei obviamente de procurar experimentar e desenvolver novas linhas de pensamento que me ajudassem a aperfeiçoar os meus métodos e hábitos de trabalho.

Inicialmente planificar ocupava grande parte do meu tempo. Era necessário ponderar e considerar os diferentes cenários que poderiam ocorrer, seleccionar conteúdos, repensar estratégias, materiais e recursos e sobretudo ter em conta as necessidades educativas do grupo de alunos. Porém, e antes da adopção de uma qualquer metodologia decidi ponderar conscienciosamente naquelas que seriam para mim as etapas mais significativas na preparação de uma aula de língua estrangeira.

Numa primeira fase é importante que se aposte num momento de descongelamento, através do qual professor e alunos interajam de forma algo informal. O início da aula não tem que ser obrigatoriamente marcado pelo sumário ou pela correcção dos trabalhos de casa. Será de todo útil, sob o ponto de vista do aluno, que este entre na sala de aula e cumprimente professor e colegas na respectiva língua de aprendizagem, e ainda que partilhe algumas experiências, nomeadamente gostos, preferências ou actividades levadas a cabo durante o fim-de-semana. Este tipo de comportamento não só o ajudará a relacionar-se melhor em sala de aula como criará, ao que julgo, uma maior predisposição para novas aprendizagens. Penso que é fundamental que desde o início o aluno encare a aprendizagem da nova língua estrangeira como o único meio de exposição das suas ideias dentro da sala de aula. É evidente que num nível inicial o aluno está ainda muito longe de conseguir comunicar de forma plena, no entanto, a utilização de expressões e frases simples, ainda que contaminadas pela língua materna, permitir-lhe-á desenvolver a sua expressão oral mais rapidamente e de forma mais consciente. Numa segunda fase há que estruturar os conteúdos, pensar um encadeamento lógico e prático de maneira a que os alunos compreendam a importância das matérias a estudar bem como a sua correlação. É mais fácil para o aluno organizar a sua aprendizagem se os diferentes assuntos lhe são explicados de forma articulada, coerente e facilmente aplicável, pois assim desenvolve a consciência de que tudo o que aprende terá uma aplicação posterior, ou seja, quando aprende os números sabe também que está a adquirir parte da informação que



necessita para poder dizer as horas ou falar de preços. Posteriormente, já numa terceira fase, é necessário definir como abordar os conteúdos já seleccionados, sendo para isso importante estabelecer antecipadamente os objectivos específicos em relação à actividade. Se a finalidade for desenvolver a expressão oral, então o professor pode por exemplo planificar actividades de descrição de pessoas, objectos ou lugares pois desta forma o aluno encontrar-se-á envolvido activamente e poderá expor as suas dificuldades. Talvez esta seja, em termos didácticos, a tarefa mais difícil para o professor, no entanto, parece-me que é também a mais gratificante, uma vez que da construção ou adaptação adequada de materiais e actividades dependerá em parte o sucesso da aula. Por sua vez, a quarta fase corresponderá, a meu ver, à aplicação prática destes conhecimentos. É necessário testar com base na matéria estudada se os alunos compreenderam ou não de que forma o que aprenderam é aplicável em contexto real.

Por último, mas não menos importante, até porque este é um procedimento que deve acompanhar todas as fases, é essencial que se questione a relevância das práticas adoptadas e se tente perceber se os resultados alcançados foram os pretendidos.

Estas são, a meu ver, as principais etapas a ter em conta no momento de planificar, que individualmente orientam o professor no seu processo de reflexão, e que no seu conjunto asseguram a harmonia e a unidade da aula. No entanto, e dado o facto de estas etapas assumirem, como facilmente se percebe, uma função meramente indicativa, é importante que o professor seja capaz de aperfeiçoar cada uma destas fases, abdicando de alguns procedimentos caso não se adequem às circunstâncias específicas da turma.

## **6.3 Ordem de trabalhos para a aprendizagem de Espanhol / LE**

### **6.3.1 Objectivos**

Partindo do princípio de que “O objectivo principal da aprendizagem das línguas é o desempenho da competência comunicativa, ou capacidade de interagir linguisticamente de forma adequada nas diferentes situações de comunicação, tanto de forma oral como escrita”<sup>30</sup>, procurei desenvolver, no decorrer da minha Prática de Ensino Supervisionada, hábitos de trabalho que privilegiassem uma atitude activa e dinâmica por parte dos alunos, de

---

<sup>30</sup> *Programa de Língua Estrangeira. Espanhol Ensino Básico 3ºCiclo*, nível de iniciação, p.18 [ver bibliografia].

construção, reconstrução e apropriação de conhecimentos, mostrando-lhes continuamente também a importância de saber ser, saber fazer e saber aprender. Não esqueçamos porém que a aula de língua estrangeira, como estrutura complexa e enredada que é, vai naturalmente exigindo aos seus alunos que aprofundem conhecimentos a nível linguístico, sociolinguístico e pragmático, e que é através desta conjugação entre o geral e o específico que se vão activando capacidades não só formais, de carácter mais teórico mas também instrumentais, mais práticas e aplicáveis.

Conscientes das capacidades que teriam que desenvolver, foi particularmente importante, ainda mais tratando-se de um nível de iniciação, que os alunos aprendessem a valorizar a língua e a cultura espanhola de forma a apreciar as vantagens que o seu conhecimento lhes iria proporcionar. A compreensão e produção de textos orais e escritos foi obviamente pautada por estratégias que lhes permitiram, de acordo com a respectiva faixa etária, responder às suas necessidades comunicativas. No entanto, e para ajudar o aluno a melhor compreender o que aprendeu e para que aprendeu foi necessário explorar os potenciais didáctico-pedagógicos dos diversos materiais e meios a que fui acedendo, sobretudo no que diz respeito às novas tecnologias da informação e da comunicação e às possibilidades que este tipo de recurso vem oferecendo em termos educativos. As potencialidades são várias, e quando bem aplicadas, permitem que o processo de compreensão e aquisição de conhecimentos ocorra de forma clara, simples e expressiva. De tal forma, que penso que será de todo útil tentar reestruturar o caminho que percorri ao longo da minha experiência de estágio, e perceber como podem as TIC funcionar enquanto “estratégia alternativa ao método expositivo”<sup>31</sup>, auxiliando e servindo as necessidades do ensino de língua estrangeira.

### **6.3.2 Actividades comunicativas - compreensão e expressão oral**

Um falante nativo comunica de forma instintiva e natural, alheio muitas vezes aos mecanismos e propriedades da linguagem. Contudo, comunicar eficazmente pressupõe todo um trabalho em termos de competências comunicativas, nomeadamente a nível linguístico, sociolinguístico e pragmático. A aprendizagem de uma língua é um processo complexo, que vai ocorrendo de forma gradual, sendo que os avanços e os recuos são absolutamente normais. A verdade é que não aprendemos todos da mesma forma nem ao mesmo ritmo, o que faz com

---

<sup>31</sup> *As TIC na Educação em Portugal – Concepções e Práticas*, p. 274. [ver bibliografia].

que seja cada vez mais importante que o professor diversifique estratégias e fomente novas aprendizagens.

No que diz respeito à compreensão oral em língua estrangeira, um aluno de nível inicial, correspondente a um A1/A2, deve, segundo o *Marco Común Europeo de Referencia para las Lenguas*, reconhecer e compreender palavras e expressões básicas desde que emitidas lentamente e de forma clara, bem como compreender “lo suficiente como para poder enfrentarse a necesidades concretas siempre que el discurso esté articulado con claridad y con lentitud”<sup>32</sup> e “frases y expresiones relacionadas con áreas de prioridad inmediata, (por ejemplo, información personal y familiar muy básica, compras, lugar de residencia, empleo)...”<sup>33</sup>. Esta é uma informação preciosa para o professor sobretudo no momento em que planifica e selecciona os diferentes materiais e recursos a utilizar em aula.

Ao longo da minha Prática de Ensino Supervisionada procurei sempre que possível recorrer a materiais originais uma vez que me parece que o contacto com a língua de aprendizagem através de um contexto real activa e desenvolve nos alunos um conjunto de capacidades que lhes permitirá uma maior autonomia futura.

Neste sentido, a internet veio contribuir para uma mudança significativa no que diz respeito ao trabalho de compreensão e expressão dentro da sala de aula. A possibilidade de inclusão dos mais diversos meios, tais como: o vídeo, nomeadamente filmes e curtas-metragens, a televisão, no que toca por exemplo à publicidade, a campanhas de sensibilização ou a programas, e a própria rádio, ao serviço dos interesses do ensino e da aprendizagem de língua estrangeira veio deixar bem claro que quer professor quer alunos enfrentam actualmente uma nova responsabilidade, a de saber explorar, tratar e reorganizar toda a informação a que vão acedendo de forma activa.

Comecemos por tentar perceber as vantagens e as desvantagens da utilização do vídeo dentro da sala de aula, tendo em conta que a turma de Espanhol em questão integrava um nível de iniciação, pelo que a compreensão auditiva dos filmes e das curtas-metragens deveria respeitar algumas características específicas. Uma situação real está normalmente sujeita a ruídos exteriores, nomeadamente a barulhos de trânsito, a transportes públicos, superfícies comerciais entre tantos outros, que dificultam o entendimento da audição. Pode também acontecer, sendo que se trata de falantes nativos, que falem demasiado rápido ou que adoptem uma linguagem coloquial e que por essas razões o aluno tenha maior dificuldade em seguir o

---

<sup>32</sup> [http://cvc.cervantes.es/OBREF/marco/cvc\\_mer.pdf](http://cvc.cervantes.es/OBREF/marco/cvc_mer.pdf)

<sup>33</sup> [http://cvc.cervantes.es/OBREF/marco/cvc\\_mer.pdf](http://cvc.cervantes.es/OBREF/marco/cvc_mer.pdf)

conteúdo da audição e por sua vez em concentrar-se. Penso portanto que o professor deve começar por materiais originais mais fáceis e evidentes, de forma a motivar os alunos para a sua compreensão, o que não significa que nunca venham a ser utilizados materiais com algumas destas características; pelo contrário, é importante que o aluno se vá deparando com estes pequenos obstáculos embora tal deva acontecer, na minha opinião, de forma gradual e justificada.

Desta forma, e no âmbito do primeiro bloco de aulas<sup>34</sup>, onde trabalhei a unidade correspondente à temática da família e das relações de parentesco, optei por reproduzir uma pequena parte do filme *Descubriendo a los Robinsons*. Esta é a história de um menino aparentemente órfão, de apenas doze anos, que na tentativa de encontrar a sua família biológica, nomeadamente a sua mãe, vai projectando uma série de aparelhos tecnológicos na esperança de que estes o ajudem a resgatar algumas memórias. A valorização do núcleo familiar surge assim associada ao universo vertiginoso da aventura e da fantasia, permitindo, à boa maneira das produções da Walt Disney, que durante os cerca de quinze minutos a que os alunos assistiram a este excerto estivessem plenamente atentos e concentrados. Antes do visionamento do vídeo pedi-lhes que dividissem uma folha de papel ao meio e anotassem numa primeira coluna alguns vocábulos e expressões que já iam conseguindo reconhecer na respectiva língua de aprendizagem, e na segunda as que não conseguiam ainda decifrar, sendo que a transcrição deveria corresponder à forma exacta como as haviam percebido. O objectivo principal desta actividade passou por treinar e estimular o ouvido dos alunos a reconhecer e a tentar decifrar, descontraidamente, sem pressões embora com responsabilidade, os diferentes sons a que iam tendo acesso. O desempenho desta tarefa permitiu ainda que se sentissem parte integrante da actividade e não apenas meros espectadores.

Penso que o vídeo, apesar de não constituir um recurso recente, assume actualmente uma nova responsabilidade, sobretudo com a entrada na internet dentro das salas de aula. A possibilidade de proporcionar à distância de um simples clique “...muestras reales de lengua, contextualizadas y situadas en coordenadas espacio-temporales concretas<sup>35</sup>” sendo que “... la combinación de sonido e imagen compone una información completa desde los puntos de vista lingüístico y pragmático-discursivo”<sup>36</sup> deve, na minha opinião, ser aproveitada e

---

<sup>34</sup> Consultar anexo 9.

<sup>35</sup> *Nuevas tecnologías aplicadas a la enseñanza del E/LE*, p. 93 [ver bibliografía].

<sup>36</sup> Idem.

explorada o mais possível. Não se trata de ocupar passivamente os noventa minutos de uma aula com um filme, mas sim de permitir aos alunos que contactem, deste o nível inicial, ainda que durante espaços de tempo relativamente curtos, com a realidade nativa e com as dúvidas que deste contacto possam surgir. Até porque os materiais originais, dada a sua natureza autêntica, facultam uma aprendizagem, sob o ponto vista didáctico, mais rica, divertida e exigente.

Ainda no que diz respeito ao aproveitamento do vídeo em contexto de sala de aula, foram várias as vezes em que optei pela aplicação de curtas-metragens. Em tudo semelhante ao filme, este formato distingue-se sobretudo pela brevidade e concentração da situação espaço-temporal que apresenta. O aluno é rapidamente transportado para o contexto de uma situação nativa, sendo natural que se esforce por compreender e interpretar os diferentes códigos linguísticos, socioculturais e pragmáticos.

As curtas-metragens constituem uma hipótese bastante atractiva para a aprendizagem do aluno, sobretudo se o professor tiver em conta não só as necessidades educativas e pedagógicas da turma mas também os seus gostos e preferências. Foi precisamente a pensar numa aprendizagem eficaz e simultaneamente divertida que surgiu entre mim e a minha orientadora a ideia de dedicar algumas aulas ao estudo e à compreensão dos hábitos e costumes da cultura hispânica. Desta forma, datas como o *Día de la Hispanidad*, *Navidad*, *Día de los Inocentes*, *Año Nuevo*, *Reyes*, *Carnaval* ou *Día del Padre*, entre outras, foram devidamente abordadas em aula. Para tal, e além da informação necessária que ia facultando aos alunos através de textos temáticos fui também disponibilizando o visionamento de curtas-metragens, nomeadamente dos desenhos animados *Hey Arnold*. Estes episódios não só ajudaram a ilustrar alguns aspectos socioculturais como permitiram também que, num momento posterior da aula, se debatessem alguns temas associados às peripécias anteriormente visualizadas, dado que é habitual que “...la proyección del film facilite los ejercicios de enfoque comunicativo, para que el alumno se sienta animado a hablar y a poner en marcha los mecanismos que le permitan expresar sus impresiones a cerca de la película o intervenir en la discusión de la misma”<sup>37</sup>.

Tomemos como exemplo o episódio correspondente ao *Día de los Inocentes*, passado no último dia de aulas do primeiro período. Este é normalmente um dia que, por se encontrar na fronteira entre o período lectivo e as férias de natal, se torna propício ao desenvolvimento

---

<sup>37</sup> Peña, Mercedes. *El uso de cortometrajes en la enseñanza de ELE*, p. 3 [ver bibliografia].

de actividades de carácter mais lúdico. Assim sendo, no início da aula distribuí um pequeno exercício de diagnóstico que os alunos deveriam resolver rapidamente para que pudessem ir confrontando as suas respostas com o conteúdo do episódio *Hey Arnold, Día de los Inocentes*. Foi-lhes explicado que o objectivo não era contabilizar o que sabiam ou não acerca deste dia, mas sim desenvolver neles próprios a auto-consciência do que não sabiam no início da aula e do que se esperava que soubessem no seu final. A curta-metragem acabou por ser, tal como esperado, recebida de forma atenta e expectante, ficando a última parte da aula reservada para a exposição de ideias e comparação de pormenores e particularidades de um dia tão invulgar e animado na cultura hispânica.

Passemos agora ao aproveitamento didáctico de alguns materiais televisivos, tais como anúncios publicitários, campanhas de prevenção e programas, cuja entrada em sala de aula é hoje feita essencialmente através da internet. E são tantas as hipóteses com as quais o professor se confronta na hora de escolher um material original, que é absolutamente fundamental que o faça tendo em conta a planificação ajustada das actividades complementares, a desenvolver quer num momento de pré-audição quer de pós-audição, de forma a facilitar o mais possível o processo de compreensão da situação nativa.

Assim, a planificação da unidade didáctica *Enséñanos tu casa*<sup>38</sup> teve como principal objectivo ensinar aos alunos algum vocabulário específico essencial, de maneira a que numa fase posterior estes conseguissem identificar e descrever as diferentes partes de uma casa. A apresentação do vocabulário foi sendo feita por meio de PowerPoints, onde imagens devidamente legendadas iam indicando os objectos referentes a cada divisão. Simultaneamente ao visionamento destes PowerPoints, os alunos iam também preenchendo uma ficha de vocabulário, onde anotavam as palavras mais complicadas ou difíceis de memorizar. Após este contacto inicial com a matéria a aprender resolveram uma ficha de trabalho. Contudo, esta ficha foi elaborada com a preocupação de servir os interesses dos alunos enquanto guião de estudo, uma vez que para cada divisão da casa existia um exercício de leitura e compreensão escrita bem como de sintetização final de conteúdos.

Desta forma, e tendo já alguns conhecimentos em termos linguísticos, os alunos assistiram ao visionamento de um anúncio publicitário de uma agencia imobiliária espanhola, e responderam a algumas questões de escolha múltipla relacionadas com a audição. O fragmento publicitário foi ouvido por três vezes, uma primeira de habituação às exigências de

---

<sup>38</sup> Consultar anexo 10.

uma mensagem oral autêntica, uma segunda de associação, identificação e compreensão entre o que se ouve e o que importa reter, e uma terceira de verificação das respectivas respostas. É importante que o grau de dificuldade do exercício que acompanha a audição seja claro e corresponda ao nível dos alunos, de usuário básico, uma vez que uma má experiência em termos de percepção e tratamento da mensagem oral poderá desmotivar o aluno perante novos desafios. Após a correcção do respectivo exercício e de um breve diálogo com os alunos, através do qual tentei compreender as dificuldades sentidas aquando da audição, propus-lhes que no restante tempo da aula, cerca de dez minutos, tentassem individualmente criar um anúncio onde vendessem a sua própria casa. A actividade foi terminada em casa e apresentada no início da aula seguinte tendo os resultados demonstrado a interiorização de alguns códigos e funções da linguagem claramente aplicados com base no modelo publicitário usado em aula.

Relativamente à utilização de programas televisivos e de campanhas de sensibilização em aulas de língua estrangeira, ainda que não me tenha sido possível a sua aplicação no decorrer deste ano lectivo, penso que será de todo útil relatar, ainda que em termos gerais, de que forma o meu contacto com estes materiais contribuiu para a opinião que hoje tenho acerca do uso das novas tecnologias da comunicação e da informação dentro da sala de aula. Assim, no âmbito da disciplina de Comunicar em Espanhol, mais especificamente no módulo da gastronomia e da restauração, parte das aulas foram inteiramente dedicadas ao estudo dos diferentes alimentos e bebidas, utensílios de cozinha e modos de confecção de alimentos. Porém, os alunos deveriam também ser capazes de conhecer e descrever alguns pratos típicos da gastronomia espanhola, pelo que lhes propus que com base no programa televisivo, *Recetas del Mundo*<sup>39</sup>, a que assistiram em aula, bem como fazendo uso dos modos de preparação presentes nas receitas anteriormente estudadas, simulassem um programa culinário. A preparação desta actividade prolongou-se por duas aulas de noventa minutos, no entanto, os resultados alcançados vieram provar que o contacto com materiais autênticos tinha influenciado determinantemente as apresentações dos alunos, que tentaram agir em conformidade com o nível de língua que detinham, ou seja, entre o A2 e o B1, e portanto com a naturalidade, segurança e autonomia possível. Esta foi uma actividade realizada em grupo, quatro grupos de seis elementos, sendo que cada um destes procederia à representação tendo como público os restantes colegas de turma.

---

<sup>39</sup> [www.arrozsos.com](http://www.arrozsos.com). Paella valenciana.

No que toca à campanha de sensibilização, utilizada com uma turma do 11º ano, optei por um vídeo de segurança rodoviária, especialmente adequado a adolescentes entre os dezasseis e os dezoito anos, como era o caso. Num momento de pré-audição os alunos foram confrontados com algumas questões relacionadas com comportamentos de risco rodoviário às quais responderam de forma preocupada e responsável, contudo, foram-lhes ainda distribuídas algumas notícias de jornais espanhóis que relatavam a ocorrência de acidentes graves causados por excesso de velocidade, não utilização de capacete, álcool e drogas. Pedi-lhes que formassem grupos e analisassem as respectivas notícias de forma a partilhar com os colegas o seu conteúdo. De seguida, e à medida que iam assistindo à campanha *¿Estás Seguro?* iam também preenchendo uma tabela com os comportamentos que avaliavam como sendo de risco. Após o visionamento sugeri-lhes que desenvolvessem um comentário de opinião face ao que tinham visto, e que analisassem a mensagem que lhe estava implícita tendo em conta o comportamento dos jovens actualmente.

Por último, há ainda que ter em conta a importância da utilização de músicas durante o processo de aprendizagem de uma língua estrangeira, pois a canção oferece ao aluno a hipótese de contactar repetidamente e de forma estimulante com conteúdos e informações importantes não só sob o ponto de vista linguístico mas também sociocultural. A memorização do diferente vocabulário, das várias estruturas gramaticais e da própria pronúncia torna-se mais fácil e eficaz quando feita através de um meio que pelas suas características permite um contacto divertido e simultaneamente didáctico com a língua de aprendizagem.

Assim, este ano, no decorrer da minha Prática de Ensino Supervisionada, após a explicação gramatical de verbos regulares e irregulares no Presente do Indicativo e da resolução oral de alguns exercícios que se encontravam projectados no quadro, os alunos puderam ouvir a música *Ska de la Tierra*<sup>40</sup>. Como é habitual neste tipo de actividade a letra da canção encontrava-se propositadamente incompleta consistindo o exercício no preenchimento de alguns espaços correspondentes ao tempo verbal estudado em aula. Inicialmente tinha pensado colocar a audição por três vezes, uma de familiarização, outra de preenchimento e uma terceira de consolidação, no entanto, foram apenas necessárias duas, tendo a terceira sido aproveitada como correcção. Após o tratamento do vocabulário desconhecido pedi aos alunos que o organizassem no respectivo caderno diário sob a forma de lista e que o utilizassem

---

<sup>40</sup> Bebe, *Pafuera Telarañas*, 2004.



oralmente na criação de algumas frases que deveriam obrigatoriamente estar no Presente do Indicativo.

Ainda que por questões de tempo e adequação aos conteúdos do programa não me tenha sido possível utilizar a mensagem da música como tema impulsionador de um debate, penso que noutro contexto o teria feito, até porque a discussão de temas como a protecção do meio ambiente contribui certamente não só para o desenvolvimento da competência comunicativa em termos de expressão oral, mas também para o aperfeiçoamento da consciência cívica e do espírito de responsabilidade dos alunos.

Desta forma, e como é fácil perceber, as actividades de compreensão oral podem facilmente ser repensadas e aproveitadas enquanto actividades de expressão oral. Basta pensarmos que a reprodução de um filme ou de uma publicidade poderia ter sido levada a cabo, desde que num nível que não o inicial, primeiramente sem som, permitindo assim que os alunos fossem deduzindo e comentando o que iam vendo, apenas com base nos cenários, nos gestos e nas expressões mostradas.

Porém, antes da descrição de algumas actividades de expressão oral que decorreram no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada de Espanhol penso que é fundamental reflectir na importância que determinados hábitos poderão assumir no desempenho dos alunos em termos de expressão e interacção oral. Acredito que o professor é o principal responsável por inculcar nos seus alunos o gosto e a vontade de comunicar o mais possível na respectiva língua estrangeira, seja no momento inicial da aula, onde cumprimenta e estabelece normalmente um contacto menos formal com professor e colegas, ou num momento mais avançado em que para além da participação nas actividades coloca também as suas dúvidas e esclarece significados. A utilização de algumas estruturas sobretudo num nível inicial, tais como: *¡Buenos días! ¿Qué tal? ¿Cómo se dice...? ¿Cómo se escribe...? ¿Puede deletrear? ¿Hay deberes? ¿Qué página es?* constitui na minha opinião, uma hipótese absolutamente benéfica e construtiva em termos de desenvolvimento da confiança do aluno. Penso que as limitações devem ser vistas como um obstáculo a superar gradualmente ao longo dos diferentes níveis de aprendizagem e não como uma barreira que impede definitivamente o aluno de comunicar. Quanto mais o aluno falhar mais irá aprender e só poderá falhar se inevitavelmente experimentar. Apesar de esta ser uma constatação óbvia penso que há ainda um longo trabalho a realizar dentro da sala de aula no que diz respeito à criação de estratégias que levem o aluno a comunicar. A timidez deve deixar de ser um disfarce admissível para a insegurança e medo

de falhar. Mas como? Bem sei que não é algo que se consiga momentaneamente, no entanto, parece-me que se o professor apostar desde o início em práticas que promovam o espírito e a unidade de grupo irá certamente ajudar na construção de um ambiente favorável. Os jogos de tabuleiro com perguntas de cultura geral funcionam muito bem numa primeira aula pois a par da aprendizagem de aspectos culturais os alunos comunicam e interagem entre si. O professor pode também decidir modificar em determinadas aulas a estrutura habitual da sala de aula, em vez da disposição tradicional pode optar por uma organização em forma de “u”, permitindo assim uma comunicação mais fácil e provavelmente mais adequada entre alunos.

No que diz respeito ao caso específico da turma com a qual trabalhei durante o período de estágio, o 7º F, devo dizer que apenas num momento extremamente inicial me pareceu que correspondessem em termos de expressão oral a um nível A1. A verdade é que sempre demonstraram grande vontade em comunicar na respectiva língua de aprendizagem o que fez com que a partir de determinado momento o próprio grau de exigência estivesse muito mais próximo de um nível A2 que de um A1.

O facto de as minhas aulas terem sido integralmente leccionadas na respectiva língua de aprendizagem contribuiu para que os alunos retivessem e adoptassem modelos significativos a nível da expressão oral. A imitação de determinadas expressões e estruturas linguísticas surgiu assim naturalmente e de forma gradual, consoante os diferentes ritmos de aprendizagem de cada aluno.

Ao longo dos cinco blocos de aulas de noventa minutos que leccionei apostei sobretudo em actividades que mobilizassem os alunos não só pelo interesse como também pela utilidade em termos práticos. A sala de aula é sem qualquer dúvida um lugar privilegiado no que toca à simulação de actividades. É urgente motivar os alunos para o acto de comunicação oral, consciencializá-los que para aprender é muitas vezes necessário errar.

Assim, no primeiro bloco de aulas de noventa minutos, no âmbito da temática da família, utilizei alguns PowerPoints, actualmente disponíveis no meu blog<sup>41</sup>, com o intuito de motivar os alunos para a descoberta de determinado léxico específico, cuja aprendizagem, por sua vez, lhes permitiria o sucesso na consequente actividade de expressão oral. Ora, dada a proximidade entre o vocabulário apresentado em língua estrangeira e o correspondente em língua materna não se diagnosticaram quaisquer problemas no que diz respeito ao processo de assimilação, o que por sua vez facilitou o envolvimento no exercício oral *¿Sabes quién es...?*.

---

<sup>41</sup> <http://elenguae.blogspot.com/>

Uma espécie de *Juego de Adivinanzas* em que os alunos, com base nas pistas projectadas no quadro, teriam que adivinhar o grau de parentesco correspondente, fazendo obviamente uso dos conteúdos aprendidos, quer gramaticais quer lexicais, nomeadamente possessivos e vocábulos relacionados com a esfera familiar. A resolução desta actividade decorreu de forma rápida e eficaz tendo para tal contribuído não só o respeito dos alunos pelo bom funcionamento das regras da sala de aula como também o interesse e o empenho manifestado.

Em todas as aulas sem excepção procurei assim fomentar o gosto pela participação e interacção oral. Primeiro através do contacto informal com os alunos, que funciona como uma espécie de desbloqueio da situação comunicativa, e posteriormente através de actividades de leitura (em voz alta), de respostas orais relacionadas ou não com o texto, de exercícios de descrição de pessoas e objectos ou mesmo por meio de comentários de opinião.

O exercício oral *¿Qué estás haciendo?* desenvolvido no âmbito do estudo da perífrase *Estar* mais *Gerundio* foi, ao que julgo, bastante benéfico sob o ponto de vista da aprendizagem dos alunos. Cada um deles recebeu um cartão com uma acção no Infinitivo que teria que transformar em Gerúndio como resposta à pergunta *¿Qué estás haciendo?*. Ainda que este seja um acto comunicativo condicionado penso que contribuiu para que os alunos melhor compreendessem e assimilassem a diferente utilização desta estrutura em português e em espanhol. Quando inicialmente lhes perguntei como traduziriam *O que estás a fazer?* a resposta foi evidentemente *¿Qué estás a hacer?*. Após a actividade os alunos mostraram consciência da importância da situação comunicativa em contexto. Os exemplos ajudam a associar e a recordar mais facilmente determinados conteúdos: é completamente diferente dizer que o verbo dormir, quando conjugado, passa a *durmiendo* de dizer *María está durmiendo en clase*.

Em qualquer actividade, de compreensão, de expressão ou de interacção oral, estes alunos demonstraram querer participar porque pretendem evoluir e conhecer cada vez mais vocabulário, mais estruturas e regras que lhes permitam uma comunicação independente.

### **6.3.3 Actividades comunicativas - compreensão e expressão escrita**

Embora a descrição da minha Prática de Ensino Supervisionada tenha recaído essencialmente sobre as actividades de compreensão e expressão oral gostaria ainda de salientar algumas acções desenvolvidas no âmbito da compreensão e da expressão escrita.

No que diz respeito à compreensão escrita procurei motivar os alunos para a descoberta de novos vocábulos através da leitura de textos por mim fornecidos. A maioria destes encontravam-se já com as chamadas palavras-chave devidamente assinaladas de forma a captar a atenção dos mesmos. No entanto, realizei também alguns exercícios em que organizei listas de palavras, de significado não evidente, tendo os alunos que adivinhar o sentido dos vocábulos através do contexto. Por exemplo: *La pelota sirve para jugar fútbol*. Ora, ainda que eu não saiba o que é *una pelota*, sei que para jogar futebol preciso naturalmente de uma bola.

Os textos eram normalmente lidos duas ou três vezes. Os alunos começavam por uma leitura silenciosa, uma primeira abordagem que permitia que contactassem com as ideias principais sem que retivessem grande quantidade de informação, e uma segunda de leitura em voz alta, onde era solicitada a participação alternada de alguns alunos. Porém, estes sabiam que quanto mais vezes lessem o texto mais aprenderiam e que a cada leitura descobririam sempre coisas novas.

Relativamente à expressão escrita e partindo do pressuposto que muitos alunos não se sentem particularmente motivados para escrever em língua materna, incentivá-los a escrever em língua estrangeira pode não ser tarefa fácil. Além do mais há que ter em conta que “La enseñanza tradicional que limitaba las actividades de expresión escrita a una redacción cuyo título proponían a los alumnos, en muchos casos como “deberes para casa” tampoco ha hecho mucho en favor del interés de los alumnos por la expresión escrita. Los ejercicios escritos tampoco pueden ser utilizados para “rellenar huecos” en los momentos que el profesor no sabe qué hacer en clase, eligiendo un tema y ordenando a los alumnos que utilicen su imaginación.”.<sup>42</sup> Apesar de ter recorrido a exercícios de preenchimento de espaços, de associação e de completamento de informação partilho da opinião da autora. A verdade é que procurei também desenvolver a competência escrita criando as condições necessárias para que os alunos, independentemente das suas dificuldades linguísticas, se sentissem confiantes durante o processo de escrita. Mas que condições são estas? Em primeiro lugar, e antes de qualquer actividade preocupei-me em fornecer, para além das informações prévias relacionadas com o tema, uma espécie de modelo do que era pedido. Assim, ao pretender que os alunos realizassem alguns diálogos que ilustrassem as situações familiares apresentadas através de imagens, nada mais simples e útil que mostrar-lhes um exemplo do que teriam de

---

<sup>42</sup>Alonso, M. Cibele. *Juegos para practicar la expresión escrita en la clase de E/LE*. p.127 [ver bibliografia].

fazer. Pensemos numa imagem em que o pai olha para o filho (que está de saída) com um ar visivelmente irritado; um exemplo de diálogo seria: *Padre: ¡Juan, no llegues tarde que mañana tienes clases! Hijo: Pero mañana es sábado y el colegio está cerrado. Vengo a las dos y media.* O aluno que imagina situações desde um nível inicial, que explora o seu conhecimento linguístico e as suas dificuldades está inevitavelmente a preparar-se para reagir numa situação real, daí que seja, a meu ver, muito importante que compreenda a utilidade prática das actividades que vai realizando dentro da sala de aula.

Considero ainda importante que o professor alerte os seus alunos para o facto de estes não terem que escrever em quantidade mas sim em qualidade. Foi precisamente a pensar nisto que lhes pedi que escrevessem uma carta ou um e-mail a um amigo estrangeiro. A natureza fictícia do texto levou os alunos a procurar situações criativas e originais, não descuidando obviamente as regras e as estruturas aprendidas numa fase anterior. A actividade de escrita ocupou assim grande parte dos segundos quarenta e cinco minutos da aula, uma vez que os alunos escreveram as suas cartas e e-mails dentro da sala podendo assim serem acompanhados, expondo dúvidas e trocando opiniões. Provavelmente se o tivessem feito em casa teriam recorrido à Internet e perante a primeira adversidade, teriam provavelmente copiado.

As dez aulas que leccionei ao longo da Prática de Ensino Supervisionada de Espanhol não foram obviamente suficientes tendo em conta tudo o que poderia ter sido feito, no entanto sei que algumas sugestões ficarão para mais tarde, tais como as de “...escribir historias sin usar algunas palabras determinadas o tachar ciertas palabras de un texto periodístico de tal forma que se cree una noticia nueva. Quizá más divertido todavía sea dejar que los alumnos salgan a dar un paseo por la escuela y recojan frases sueltas de las distintas conversaciones que puedan escuchar accidentalmente. Con ellas habrá que construir una historia”<sup>43</sup>. Penso que é importante que o professor em formação tenha a sensatez de perceber que não pode aprender ou fazer tudo num único ano e que é normal que vá aprendendo gradualmente.

### **6.3.4 Ponto três: avaliação**

Embora com diferentes exigências, a avaliação é um momento incontornável na vida de professores e alunos. Contudo, parece-me que o objectivo principal é comum: a verificação

---

<sup>43</sup>Alonso, M. Cibeles. *Juegos para practicar la expresión escrita en la clase de E/LE*. P.128 [ver bibliografia].

do processo de ensino e aprendizagem. Para ambos é importante perceber se é ou não possível a evolução para uma etapa seguinte, e para isso é importante estipular níveis concretos que enquadrem os alunos consoante os seus sucessos e as suas dificuldades.

Assim sendo, no final de cada unidade didáctica pedi aos alunos que realizassem uma ficha de trabalho<sup>44</sup> ou um mini-teste com base nos assuntos abordados nas últimas aulas. Esforcei-me, sempre que possível, por que estas fichas fossem rapidamente corrigidas e entregues na aula seguinte. O facto de me encontrar unicamente a frequentar o estágio profissional e de ter apenas duas turmas permitia-me fazê-lo. Claro que em outras condições nem sempre é possível entregar os testes na aula seguinte ou mesmo na semana seguinte, no entanto, acho importante que o professor perceba que quanto mais tempo passa maior é a dificuldade do aluno em recordar as razões pelas quais cometeu determinados erros. Além do mais, e tendo em conta que os testes normalmente encerram unidades ou capítulos, muitas vezes o que acontece é que a aula de correcção do teste acontece já no decorrer de outra matéria que nada tem a ver com a corrigida.

Tive ainda a oportunidade de colaborar na execução de uma prova oral, directamente relacionada com a unidade que tinha leccionado, no entanto inquietou-me o facto de os alunos se mostrarem nervosos perante esta avaliação oral. Penso que é muito importante que estes compreendam que numa aula de língua estrangeira praticamente todos os exercícios orais são de forma directa ou indirecta objecto de avaliação pelo que um teste oral específico deve ser encarado como apenas mais um elemento.

A vivência profissional do ano lectivo anterior exigiu-me, para além da execução dos testes e das fichas de trabalho, também a correcção de *Exames Nacionais*, e a realização de *Exames Modulares* e de *Equivalência à Frequência* (bem como de tudo o que lhe estava implícito: matrizes, cenários de resposta e critérios de correcção). Esta experiência, em que fui absolutamente autodidacta, contribuiu para que me sentisse perfeitamente preparada para enfrentar a produção e a correcção dos vários elementos de avaliação que fui executando ao longo da Prática de Ensino Supervisionada de Espanhol.

---

<sup>44</sup> Consultar anexo 11.

## **7. TIC, um problema de formação?**

A minha reflexão centrar-se-á inicialmente na problemática da formação inicial e contínua de professores e na forma como esta condiciona a possibilidade das TIC em contexto educativo.

A formação inicial, correspondente ao Mestrado em Ensino, pode ou não incluir no seu plano curricular, para além de matérias de carácter científico e pedagógico, disciplinas relacionadas com as novas tecnologias da informação e da comunicação. Daí que seja importante questionar e analisar de que forma o contacto do professor com as TIC em período de formação pode ou não ser determinante para a utilização futura destes equipamentos dentro da sala de aula. No que diz respeito à formação contínua, será de igual modo indispensável tentar perceber não só de que forma a oferta dos centros de formação satisfaz as necessidades e prioridades educativas dos professores, como também a possibilidade de alargar a sua oferta para além das acções de formação.

A consciência do impacto que o desenvolvimento tecnológico tem causado na sociedade e nas suas mais diversas ramificações, deverá instigar os professores a repensar a forma como planeiam o seu respectivo percurso. Ensinar exige que se esteja em constante aprendizagem e este deve ser um pressuposto levado muito a sério por parte de quem ensina. Somos os principais responsáveis pela nossa formação embora não sejamos obviamente os únicos.

Enquanto aluna do Mestrado de Ensino – Formação Inicial de Professores, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, devo dizer que considero que a instituição formadora funciona, em termos gerais, como uma espécie de bússola. Orienta, mostra o caminho e permite criar os nossos próprios métodos e hábitos de trabalho. Porém, à parte do modelo que a instituição formadora nos faculta, cada um de nós tem, a meu ver, a responsabilidade de criar o seu próprio modelo de formação. Será talvez uma importante estratégia reflexiva que nos confrontará com as nossas maiores necessidades, sejam elas de ordem técnica ou psicológica.

Pude constatar ao longo do meu ainda breve percurso (não só pela Prática de Ensino Supervisionada no âmbito do Mestrado em Ensino mas também com base na experiência lectiva que tive no decorrer do ano anterior, na docência de Espanhol na Escola Secundária com 3º Ciclo Madeira Torres, Torres Vedras) que de uma forma geral, os professores não estão convenientemente preparados para utilizarem as TIC dentro da respectiva sala de aula.

Talvez o não domínio de determinadas competências técnicas funcione como uma espécie de barreira inabalável para muitos profissionais. Contudo, é cada vez mais urgente derrubar esta barreira. É necessário formar, motivar, criar um horizonte de expectativa para que cada professor se sinta atraído para a diversidade de experiências que pode proporcionar dentro da sua sala de aula. A consciência de que o professor é o motor da transformação deve levá-lo a reflectir, a apostar, a reconhecer que os benefícios de uma boa formação com recurso às TIC ultrapassam as desvantagens. Se os alunos participam e colaboram mais nas actividades propostas, se estão mais empenhados na construção de um conhecimento que vai para além do espaço e do tempo da sala de aula e se desenvolvem competências sociais de forma significativamente mais eficaz, então, julgo que os inconvenientes assumem uma importância menor. O professor sabe que as novas tecnologias são falíveis, uma vez que dependem de um serviço ou recurso, e por isso deve imaginar uma actividade alternativa.

Penso que é fundamental que se consiga questionar criticamente quer os benefícios quer os obstáculos das novas tecnologias da informação e da comunicação em contextos específicos de ensino e aprendizagem. Da qualidade dos modelos adoptados ao longo da formação depende a concretização de determinados pressupostos numa vida profissional futura.

Para além da qualidade da formação, o professor deve ainda ter em conta a sua continuidade, uma vez que é pela necessidade de aperfeiçoamento constante que se colocam as principais questões. Parece evidente que “Por muito qualificada que seja a formação inicial de professores, é natural que essa formação não responda a todas as situações que os futuros professores vão encontrar ao longo da sua carreira profissional”<sup>45</sup>. Assim sendo, como pode o professor preparar-se para algo que não conhece? Como pode proteger-se? A imagem de quem ensina deve ser ambiciosa. Penso que para além do conhecimento implícito e factual que se espera que o professor tenha é necessário que este desenvolva atitudes de segurança perante os alunos. Pelo contrário, se o professor se mostra inseguro ou atribui uma conotação negativa, por exemplo, em relação ao uso das TIC em contexto de sala de aula, está evidentemente a contribuir para a inibição de um possível comportamento criativo por parte dos alunos. Admitindo que o problema está no facto de muitos professores não se sentirem familiarizados com a utilização das novas tecnologias e esse é sem dúvida um problema de difícil resolução, importa lembrar que não se espera que estes possuam conhecimentos

---

<sup>45</sup> *As TIC na Educação em Portugal – Concepções e Práticas*, p. 268. [ver bibliografia].



profundos na área. Espera-se, sim, a motivação e o empenho necessário para ultrapassar essa barreira e olhar as TIC como instrumento inovador e eficaz de informação e comunicação. É ou não possível que um professor não saiba fazer um vídeo mas que aceite que os seus alunos o façam e o apresentem em aula?

Por acreditar que a escola deve acompanhar e adaptar-se às mudanças e às exigências dos tempos modernos, procurei sempre no decorrer da minha prática lectiva, novos modelos de integração e exploração das TIC.

## 8. Recursos Online

Apesar de praticamente todos os materiais utilizados em aula ao longo deste ano lectivo terem sido disponibilizados aos alunos através da plataforma e-learning (moodle) da Escola Secundária Quinta do Marquês, na perspectiva de criar um local ao qual todos pudessem aceder, e onde os meus materiais ficassem armazenados, criei o blog *Español Lengua Extranjera*<sup>46</sup>. Actualmente este ainda se encontra em construção, não tendo assim sido utilizado ao longo da Prática de Ensino Supervisionada. A decisão fora consciente: tendo em conta que existia uma segunda hipótese, a plataforma moodle, que os alunos estavam aliás muito habituados a utilizar, a verdade é que preferi dedicar-me ao projecto do meu blog com tempo e tranquilidade de maneira a que este pudesse distinguir-se pela qualidade.

Tratar-se-á de uma espécie de diário didáctico que para além da disponibilização de PowerPoints e documentos terá como principal objectivo criar uma maior proximidade entre professor e alunos, tornando assim possível que estes coloquem as suas dúvidas, sugestões e comentários. Esta ferramenta, não só de carácter pedagógico mas também comunicativo, permitirá que os alunos acedam facilmente, em qualquer momento e a partir de suas casas aos conteúdos dados em aula, podendo visualizar apresentações multimédia, descarregar exercícios<sup>47</sup> e desta forma testar o conhecimento adquirido ao longo das várias unidades temáticas. Será ainda possível obter sugestões de actividades lúdicas, tais como filmes, músicas e endereços de interesse escolar, o que será, a meu ver, uma excelente forma de

---

<sup>46</sup> <http://elenguae.blogspot.com/>

<sup>47</sup> Através da hiperligação disponibilizada: <http://www.mediafire.com/elenguae>

aumentar o respectivo conhecimento e expandir horizontes culturais, permitindo assim um crescente interesse pela língua e um melhor aproveitamento na mesma.

## 9. Quadros Interactivos

Embora os Quadros Interactivos não estejam ainda presentes em todas as escolas, não só pelo investimento monetário como também pela formação que é necessária sob o ponto de vista do utilizador, esta é uma ferramenta cada vez mais importante e útil.

As vantagens vão para além da simples projecção em tela, pois permite uma interacção directa dos alunos com o sistema: assim podem escrever, alterar e apresentar documentos, diagramas, texto, som, vídeo e páginas de Internet. Através deste recurso o professor pode por exemplo oferecer aos seus alunos a possibilidade de visitar, ainda que virtualmente, o Museu do Prado em Madrid, o que constituirá, ao que julgo, uma oportunidade única para os alunos no que toca a “Obtener información turística mediante Internet. Aprender algo de pintura y pintores. Trabajar cooperativamente en la consecución de una tarea y interaccionar textualmente con nativos.”<sup>48</sup>. Esta actividade sugerida em *Nuevas tecnologías aplicadas a la enseñanza de E/LE* propõe a divisão da turma em grupos de modo a que cada um deles possua uma ficha com tarefas específicas<sup>49</sup>. Durante a visita virtual em sala de aula o professor pode ainda ir esclarecendo os alunos e colocando-lhes questões.

Os quadros interactivos permitem que os trabalhos ou os exercícios realizados em aula pelos alunos sejam guardados, podendo o professor avaliar posteriormente o desempenho individual de cada um destes.

Não tenho qualquer dúvida de que esta proposta, pelas experiências tecnológicas que proporciona, às quais os jovens estão sempre muito atentos, contribui para que, em termos gerais, os alunos se sintam mais motivados e interessados.

---

<sup>48</sup> *Nuevas tecnologías aplicadas a la enseñanza del E/LE*, p. 117 [ver bibliografia].

<sup>49</sup> Consultar anexo 12.

## Bibliografia Consultada

BARROSO, Carlos. (2005). *La Preparación de una Clase de ELE: Pautas para una Secuencia Didáctica*. FIAPE. I Congreso internacional: El español, lengua del futuro. Toledo:

<http://www.educacion.es/redele/biblioteca2005/fiape/barroso.pdf>

BERNARDES, Carla e MIRANDA, Filipa. (2003). *Portefólio. Uma Escola de Competências*. Porto. Porto Editora.

CEIA, Carlos. (2006). *Normas para Apresentação de Trabalhos Científicos*. Lisboa. Editorial Presença.

TAVARES, Clara. (2007). *Didáctica do Português Língua Materna e Não Materna no Ensino Básico*. Porto. Porto Editora.

PONTE et alli. *As novas tecnologias na formação inicial de professores – análise de uma experiência*. Departamento de Educação e Centro de Investigação em Educação. Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa:

<http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/jponte/artigos-por-temas.htm>

WOODWARD, Tessa. (2002) *Planificación de clases y cursos*. Madrid. Cambridge University Press.

## Bibliografia Citada

A.A.V.V. (2007). *As TIC na Educação em Portugal – Conceções e Práticas*. Porto. Porto Editora.

A.A.V.V. (2001). *II Jornadas Científico-Pedagógicas de Português. Instituto de Língua e Literatura Portuguesas, Faculdade de Letras e Universidade de Coimbra*. Coimbra. Almedina.

A.A.V.V. (1997). *Nuevas tecnologías aplicadas a la enseñanza del E/LE*. Madrid. Carabela.

CIBELE, Alonso. (s/d.) *Juegos para practicar la expresión escrita en la clase de E/LE*. Actas del X Seminario de Dificultades Específicas de la Enseñanza del Español a Lusohablantes.

<http://www.mec.es/sgci/br/es/publicaciones/juegcibele.pdf>

CORREIA, Luís. (2008). *A Escola Contemporânea e a inclusão de alunos com NEE. Considerações para uma educação com sucesso*. Porto. Porto Editora.

Ministério da Educação. (1997) *Programa de Língua Estrangeira. Espanhol – Programa e Organização Curricular. Ensino Básico 3º Ciclo*. Departamento da Educação Básica. Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

NEGREIROS, José de Almada. (2000). *Manifesto Anti-Dantas*. Lisboa. Edições Ática.

PEÑA, Mercedes. (2007). *El uso de cortometrajes en la enseñanza de ELE*. red ELE Revista Electrónica de Didáctica/ Español Lengua Extranjera. Nº. 9.

<http://www.educacion.es/redele/revista9/MercedesOntoria.pdf>

## **Anexos**

### **Anexo 1. Escola Secundária Quinta do Marquês.**



**Ilustração 1- Pavilhão A.**



**Ilustração 2- Pátio entre Pavilhão B e C.**



**Ilustração 3- Zonas verdes.**



**Ilustração 4- Campo de futebol.**



**Ilustração 5- Sala Directores Turma.**



**Ilustração 6- Sala de aula.**

## ¿Sabías qué...?

**El español es hoy la cuarta lengua más hablada del mundo, tras el chino, el inglés y el hindi.**

**Es el idioma oficial de una veintena de países y lengua materna de 400 millones de personas.**



**El español es la lengua de comunicación internacional: su uso crece cada día en las relaciones económicas, políticas y culturales.**

**El número de personas que estudia español en el mundo aumenta año tras año.**



# ¿Hablamos español?

## Países y nacionalidades



**España**

**Español/española**



**México**

**Mexicano/mexicana**



**Bolivia**

**Boliviano/boliviana**



**Argentina**

**Argentino/argentina**



**Colombia**

**Colombiano/colombiana**



**Guatemala**

**Guatemalteco/guatemalteca**



**Chile**

**Chileno/chilena**



**Venezuela**

**Venezolano/venezolana**



**Ecuador**

**Ecuatoriano/ecuatoriana**



**Honduras**

**Hondureño/hondureña**



**Puerto Rico**

**Puertorriqueño/puertorriqueña**



**Uruguay**

**Uruguayo/uruguaya**



**El Salvador**

**Salvadoreño/salvadoreña**



**Nicaragua**

**Nicaragüense**



**Panamá**

**Panameño/ panameña**



**Paraguay**

**Paraguayó/paraguaya**



**Costa Rica**

**Costarricense**



**República Dominicana**

**Dominicano/dominicana**



**Perú**

**Peruano/peruana**



**Cuba**

**Cubano/cubana**

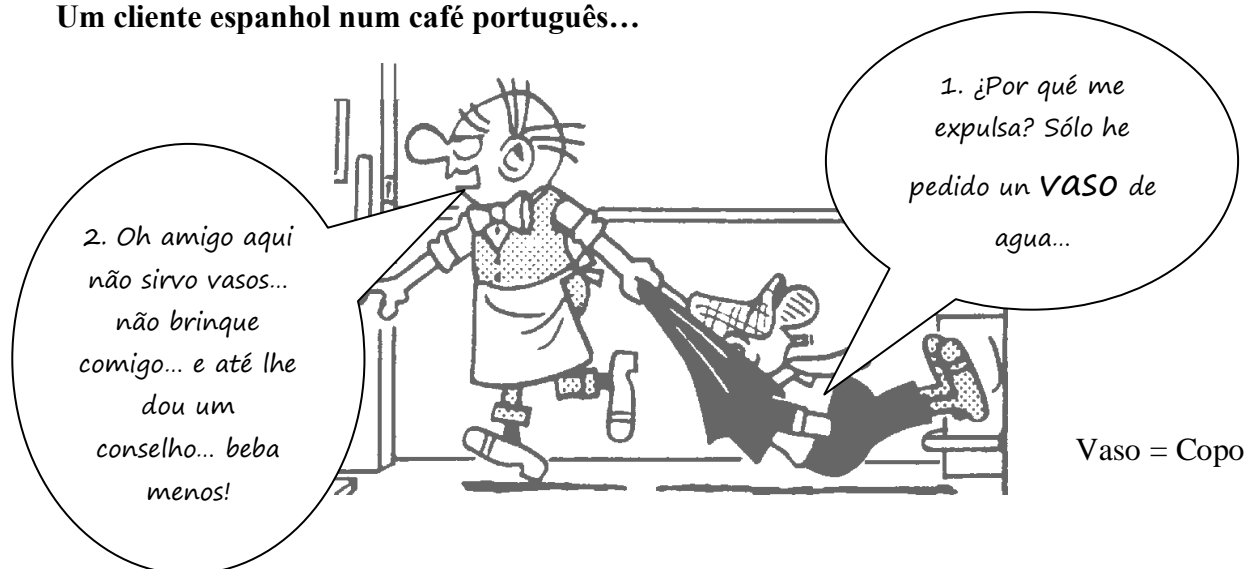


# Mal entendidos?

À saída de um restaurante o empregado português aborda um cliente espanhol...



Um cliente espanhol num café português...



**Um jornalista espanhol entrevista Ronaldo...**



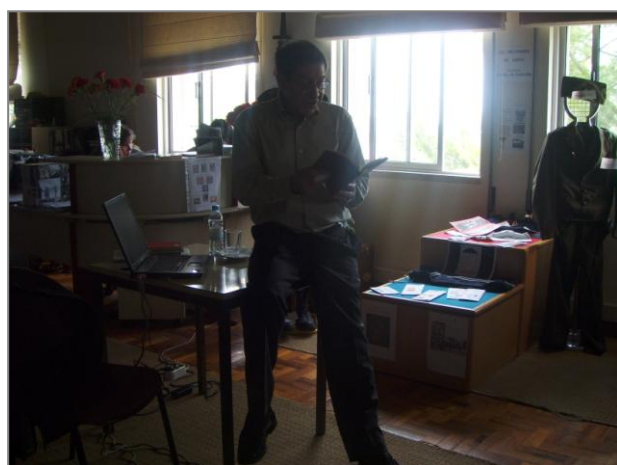
Apenas = quase não

**Anexo 4.** Representação dramática da peça ‘Azúcar o Veneno?’ pelos alunos da turma 7ºF.





**Anexo 5.** Encontro literário com o professor Nuno Júdice.



**Anexo 6.** Parâmetros de observação das aulas de Português.

<b>Atitudes e Valores</b>
Assiduidade
Pontualidade
Interesse pelas actividades propostas
Cooperação nas actividades da aula
Participação activa e espontânea
Sentido de responsabilidade
Cumprimento de regras
Relacionamento com os outros
Capacidade crítica e autonomia nas tarefas desempenhadas

<b>Compreensão e Expressão Oral</b>
Captar ideias essenciais
Reconhecer as ideias expressas
Estabelecer relações lógicas
Produzir textos orais de diferentes tipos
Adequar o discurso à finalidade e à situação
Participar de forma construtiva em situações de comunicação relacionadas com a actividade
Qualidade da comunicação (postura, colocação da voz, capacidade de prender a atenção)

<b>Compreensão e Expressão Escrita</b>
Capacidade de síntese e organização de conhecimentos
Redigir textos com finalidades diversas, respeitando a matriz discursiva
Expressar ideias e opiniões de forma fluente, estruturada e fundamentada

<b>Leitura</b>
Utilizar estratégias de leitura diversificadas
Interpretar textos escritos

**Anexo 7.** Parâmetros de observação das aulas de Espanhol.

<b>Atitudes e Valores</b>
Assiduidade
Pontualidade
Entrada ordeira na sala de aula
Respeito pelas regras de bom funcionamento da sala de aula
Atenção, concentração e interesse
Empenho nas tarefas, dentro e fora da sala de aula
Participação activa nas actividades da aula
Empenho na realização de trabalhos em aula
Apresentação de trabalhos de forma organizada e cuidada
Organização do caderno diário e material de estudo
Relação interpessoal e espírito de entreajuda
Colaboração nos trabalhos de grupo partilhando saberes e responsabilidades
Espírito crítico
Respeito pelas opiniões dos outros
Colaboração com o professor

<b>Compreensão e Expressão Oral</b>
Compreende e produz mensagens orais simples relativas aos conteúdos dados
Reconhecer palavras e expressões que se usam habitualmente
Exprimir-se oralmente com clareza e exactidão
Revelar gostos e preferências
Adequar o discurso a diferentes contextos
Ouvir atentamente o professor e os colegas
Compreender e seguir instruções
Interpretar informações retiradas de textos orais

<b>Compreensão e Expressão Escrita</b>
Compreende e produz mensagens escritas simples relativas aos conteúdos dados
Interpretar informação de textos lidos e/ou estudados em situação de aula
Procurar, seleccionar e interpretar informação relativa às situações de aprendizagem
Seleccionar estratégias de resolução de problemas
Tirar conclusões a partir da análise e da leitura dos textos
Construir frases correctas
Aplicar correctamente noções do funcionamento da língua em textos próprios
Apresentar registos escritos de forma ordenada e legível
Organizar correctamente a informação
Planificar e estruturar o estudo da língua

**Anexo 8.** Planificações correspondentes à 1ª e 2ª aula de Português.

<div data-bbox="231 360 544 546" data-label="Image"> </div> <div data-bbox="547 412 1174 452" data-label="Section-Header"> <p><b><u>Escola Secundária Quinta do Marquês</u></b></p> </div> <div data-bbox="266 555 553 593" data-label="Text"> <p><u>Disciplina:</u> Português</p> </div> <div data-bbox="1197 555 1382 591" data-label="Text"> <p><u>Turma:</u> 11ºA</p> </div> <div data-bbox="609 609 1139 645" data-label="Text"> <p><u>Ano Lectivo de 2009-2010 – 1.º Período</u></p> </div> <div data-bbox="710 692 1008 728" data-label="Section-Header"> <p><b><u>Planificação (1ª Aula)</u></b></p> </div>				
<b><u>Objectivos/Competências</u></b>	<b><u>Conteúdos</u></b>	<b><u>Estratégias/Actividades</u></b>	<b><u>Recursos</u></b>	<b><u>Avaliação</u></b>
<p><u>LEITURA</u> (LEITURA GLOBAL, SELECTIVA E ANALÍTICA) / EXPRESSÃO ORAL</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Leitura de textos informativos de natureza histórica que refiram os hábitos e os costumes da época;</li> <li>- Leitura expressiva de algumas cenas da obra <i>Frei Luís de Sousa</i>, de Almeida Garrett:</li> </ul> <p><u>COMPREENSÃO / EXPRESSÃO ORAL</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Compreensão e participação oral nas actividades propostas em aula;</li> <li>- Comentários claros, estruturados e fundamentados.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>Memória ao Conservatório Real</i>, de Almeida Garrett;</li> <li>- Cenas I e II do Acto I de <i>Frei Luís de Sousa</i>;</li> <li>- Estrutura do texto dramático: <i>diálogo, monólogo, didascália e aparte</i>.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Abordagem inicial;</li> <li>- Reconhecimento da importância do título da obra;</li> <li>- Visionamento de PowerPoints onde serão expostas as categorias ou elementos do texto dramático;</li> <li>- Reconhecimento da importância da didascália para a compreensão e visualização do texto dramático;</li> <li>- Leitura e análise das duas primeiras cenas do Acto I.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Equipamento informático (computador portátil e projector);</li> <li>- Quadro;</li> <li>- Manual <i>Antologia</i>.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Observação directa.</li> </ul>



## Escola Secundária Quinta do Marquês

Disciplina: Português

Turma: 11ºA

Ano Lectivo de 2009-2010 – 1.º Período

### Planificação (2ª Aula)

<u>Objectivos/Competências</u>	<u>Conteúdos</u>	<u>Estratégias/Actividades</u>	<u>Recursos</u>	<u>Avaliação</u>
<p><u>COMPREENSÃO / EXPRESSÃO ORAL</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Compreensão e participação oral nas actividades propostas em aula;</li> <li>- Comentários claros, estruturados e fundamentados;</li> </ul> <p><u>COMPREENSÃO / EXPRESSÃO ESCRITA</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Infere sentidos implícitos;</li> <li>- Reconhece marcas e indícios de presságios;</li> <li>- Avalia o sentido figurado;</li> <li>- Distingue o essencial do acessório;</li> <li>- Comenta criticamente e de acordo com o que é pedido;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Cenas I e II do Acto I;</li> <li>- Tempo histórico e tempo dramático;</li> <li>- Tragicidade;</li> <li>- Marcas românticas.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Visionamento de PowerPoints elucidativos do tempo histórico e dramático nas cenas I e II do Acto I;</li> <li>- Reconhecimento do ambiente trágico nestas duas primeiras cenas;</li> <li>- Estudo de marcas românticas ao longo da obra (sentimentos, patriotismo, conceito mulher-anjo);</li> <li>- Caracterização das personagens D. Madalena e Telmo.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Equipamento informático (computador portátil e projector);</li> <li>- Quadro;</li> <li>- Manual <i>Antologia</i>.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Observação directa;</li> <li>- Comentário escrito.</li> </ul>



**Anexo 9.** Teste de Avaliação de Português e respectivos cenários de resposta.

**Escola Secundária Quinta do Marquês**  
**Teste de Português -11º Ano**

**Grupo I**

1. De entre as afirmações seguintes, escolhe aquela que melhor define o Realismo:
  - a) Corrente estética que surge na primeira metade do século dezanove e que vem manifestar-se contra o sentimentalismo piegas e exagerado do ultra romantismo.
  - b) Corrente estética que enaltece os hábitos e costumes da sociedade burguesa.
  - c) Corrente estética e filosófica que surge na segunda metade do século dezanove como reacção aos excessos do formalismo romântico e que vem analisar rigorosamente os pilares da sociedade portuguesa.
  - d) Corrente literária que vem valorizar a existência humana e os valores morais da época.
2. Em *Os Maias*, a personagem Carlos pode ser interpretado como:
  - a) Uma consequência da educação tradicional e do meio social em que cresceu.
  - b) Uma consequência da educação inglesa, do meio social em que cresceu e de factores hereditários.
  - c) Uma consequência da educação inglesa e de factores hereditários.
  - d) Apenas consequência de factores hereditários.
3. Confronta os dois tipos de educação ilustrados no capítulo III da obra.
4. Como se explica que Afonso, “guardião dos valores à antiga portuguesa”, optasse por educar o seu neto à inglesa?

**Grupo II**

1. Há poucos dias atrás comemorou-se a Semana do Livro e da Leitura em todas as escolas do país. Ciente que estás da importância da leitura na vida de qualquer indivíduo, discorre sobre o assunto redigindo um texto balizado entre 140 a 160 palavras. Qualquer desvio aos parâmetros propostos implicará desvalorização da cotação da resposta.

### Cenários de resposta

1. c)

2. b)

3. Educação tradicional portuguesa versus educação britânica:

- Tradicional portuguesa: forte influência feminina, vida ociosa, aprendizagem de línguas mortas (latim), valorização do conhecimento por memorização, religiosidade,

- Britânica: influência masculina, contacto com a natureza, desenvolvimento físico, aprendizagem de línguas vivas (inglês), rigor, método e ordem, religião e moral com carácter secundário, valorização da criatividade e juízo crítico.

4. Pedro e Carlos foram sujeitos a dois tipos de educação diferentes e opostos, cujos progressos foram conduzidos e vigiados por Afonso (e cujas consequências ele sofreu). Contudo, Afonso sente-se culpado pelo falhanço na educação de Pedro e procura corrigir o erro, ministrando outro tipo de educação ao neto.

**Anexo 10.** Planificação correspondente ao 1º bloco de aulas de Espanhol.

## **PLANIFICACIÓN DE UNA CLASE DE ELE**

**Tema a desarrollar:** La familia

**Nivel (según el Marco Europeo Común de Referencia):** A1

**Destinatarios:** Estudiantes del 3º *Ciclo do Ensino Básico*

**Objetivos de la unidad:** El alumno será capaz de:

- Identificar las distintas relaciones familiares;
- Conocer y utilizar el vocabulario aprendido en clase;
- Comprender la utilización funcional de los adjetivos y pronombres posesivos.

**Funciones comunicativas:**

- Identificar, definir y describir a los varios grados de parentesco.

**Contenidos léxicos:**

- Vocabulario relacionado con la temática de la familia.

**Contenidos gramaticales:**

- Adjetivos y pronombres posesivos;
- Posesivos: concordancia singular/plural;

**Distribución del tiempo:** Esta clase tendrá la duración de noventa minutos.

**Materiales utilizados:**

- Ordenador;
- Proyector;
- Ficha resumen;

### **Evaluación:**

- Comprensión y participación auditiva y lectora;
- Expresión oral y escrita;
- Trabajo individual;
- Interés y concentración

### **Actividades:**

- Explicación gramatical de los adjetivos y pronombres posesivos;
- Resolución de ejercicios del libro del alumno relacionados con la utilización de los posesivos;
- Visualización de unos PowerPoints sobre el tema de la familia (vocabulario; ejercicio de comprensión oral; lectura e interpretación textual);
- Ficha resumen y su respectiva corrección;
- Exhibición de la película *Descubriendo a los Robinsons*;
- Actividad de comprensión oral;

### **Bibliografía:**

- Marta Baralo; Marta Genís; María Eugenia Santana; *Vocabulario*, Anaya, 2008, Madrid.
- Rosario Alonso Raya; Alejandro Castañeda Castro; *Gramática básica del estudiante español*, Difusión, 2005, Barcelona.

**Anexo 11.** Planificação correspondente ao 3º bloco de aulas de Espanhol.

## **PLANIFICACIÓN DE UNA CLASE ELE**

**Tema a desarrollar:** La casa: muebles y objetos

**Nivel (según el Marco Europeo Común de Referencia):** A1

**Destinatarios:** Estudiantes del 3º *Ciclo do Ensino Básico*

**Objetivos de la unidad:** El alumno será capaz de:

- Identificar las distintas partes de la casa;
- Conocer y utilizar el vocabulario aprendido en clase;

**Funciones comunicativas:**

- Captar la intención comunicativa, los puntos principales, la información específica y el registro formal o informal -dentro de lo estándar- de textos sencillos, apoyándose en el contexto, el apoyo visual y la disposición gráfica;

**Contenidos léxicos:**

- Vocabulario relacionado con la temática de la casa, muebles y objetos;

**Contenidos gramaticales:**

- Locuciones preposicionales de lugar: encima de, debajo de, al lado de, a la izquierda/derecha de;

**Distribución del tiempo:** Esta clase tendrá la duración de noventa minutos

**Materiales utilizados:** Ordenador, proyector, fichas resumen; carteles didácticos, libro del alumno y libro de ejercicios;

### **Evaluación:**

- Comprensión y participación auditiva y lectora;
- Expresión oral y escrita;
- Trabajo individual;
- Interés y concentración;

### **Actividades:**

- Visualización de un cartel didáctico relacionado con el vocabulario de la casa;
- Presentación de PowerPoints (La cocina, el salón (comedor), el dormitorio, el cuarto de baño, el despacho);
- Realización de una Ficha Resumen;
- Localizadores espaciales;
- Ejercicios;
- Resolución y corrección de una Ficha Vocabulario: *A ver si te acuerdas*;
- Exhibición de una publicidad;
- Ejercicio escrito y presentación oral de un anuncio donde los alumnos tendrían que vender su propia casa;

### **Bibliografía:**

- Dicionário Visual Bilingue – espanhol / português; Civilização, 2005.
- Marta Baralo; Marta Genís; María Eugenia Santana; *Vocabulario*, Anaya, 2008, Madrid.
- ¡SOS Español! Vocabulario – 3º Ciclo/ Secundário; Porto Editora.

**Anexo 12.** Exemplos de Fichas de Trabalho aplicadas na turma de Espanhol.



Ministério da  
Educação

Ficha Resumen Español

2009/10

Nombre: \_\_\_\_\_ Calificación: \_\_\_\_\_

Número \_\_\_\_\_ Clase: \_\_\_\_\_ Fecha: \_\_\_\_\_

Firma del E. de Ed.: \_\_\_\_\_ Firma del profesor: \_\_\_\_\_

**Le el siguiente texto y después completa las frases:**

“Julia tiene un **marido**, que se llama Benjamín. Julia y Benjamín discuten todos los días. La madre de Julia piensa que se debían **separar**. Modesto, un amigo de la familia, es **soltero** y **está enamorado de** Julia. Ésta no puede casarse con Modesto porque no **está divorciada de** Benjamín. Benjamín no quiere divorciarse de Julia porque no quiere ser su **ex marido** pero ella sí quiere ser **la mujer** de Modesto y la **ex mujer** de Benjamín.

divorciada	ex marido	<b>casada</b>	ex mujer	soltero	separados
------------	-----------	---------------	----------	---------	-----------

**1. Completa las siguientes frases:**

- Julia está casada con Benjamín. (ejemplo)
- La madre de Julia quiere que su hija y Benjamín estén \_\_\_\_\_.
- Julia necesita estar \_\_\_\_\_ para casarse con Modesto.
- Modesto no está casado. Está \_\_\_\_\_.
- Benjamín no quiere ser el \_\_\_\_\_ de Julia.
- Si Julia se casa con Modesto, Julia será la \_\_\_\_\_ de Benjamín.

**2. Relaciona las dos columnas:**

Nuera	La hija de mi tía
Abuelo	El marido de mi hija
Prima	Los hijos de mis abuelos
Yerno	La mujer de mi hijo
Tíos	El padre de mi padre

**3. Adivina los siguientes parentescos.**

a) Se parece a mi mamá pero es mayor, tiene otros hijos que mis tíos son.

---

b) De tus tíos es hermana, es hija de tus abuelos y quien a ti más te ama.

---

c) Son hijos de tus abuelos, de tus padres hermanos son, tus hermanos con tus hijos tendrán esa relación.

---

**4. Ordena las letras y descubre la palabra.**

a) pesaos-

b) aunre-

c) diramo-

d) admer-

e) jhai-

f) atien-

g) moarens-

h) asñcodu-

i) drmae-

j) juemr-

¡Qué te vaya bien!

Juliana Ferreira



Nombre: \_\_\_\_\_ Calificación: \_\_\_\_\_

Número \_\_\_\_\_ Clase: \_\_\_\_\_ Fecha: \_\_\_\_\_

Firma del E. de Ed.: \_\_\_\_\_ Firma del profesor: \_\_\_\_\_

**1. Completa las frases.****¿Qué estás haciendo?**

- a. Estoy \_\_\_\_\_ (escuchar) música.
- b. Estoy \_\_\_\_\_ (comer) galletas.
- c. Estoy \_\_\_\_\_ (esperar) el autobús.
- d. Estoy \_\_\_\_\_ (volver) a casa.
- e. Estoy \_\_\_\_\_ (leer) un libro.
- f. Estoy \_\_\_\_\_ (hacer) la cama.
- g. Estoy \_\_\_\_\_ (dibujar) mi perro.
- h. Estoy \_\_\_\_\_ (dormir) en la cama de mi hermana.
- i. Estoy \_\_\_\_\_ (vestir) una falda rosa.
- j. Estoy \_\_\_\_\_ (llegar) al cole.
- k. Estoy \_\_\_\_\_ (salir) del supermercado.

**2. Escribe la letra que falta en los siguientes gerundios irregulares: i, u e y.**

- a. D \_\_ rmiendo
- b. R \_\_ endo
- c. M \_\_ riendo
- d. Le \_\_ endo
- e. V \_\_ stiendo
- f. D \_\_ ciendo
- g. P \_\_ diendo

**3. Completa con el verbo entre paréntesis en gerundio.**

- a. Pepe está \_\_\_\_\_ (cocinar) y Paquito lo está \_\_\_\_\_ (ayudar).
- b. No te vayas ya, te estoy \_\_\_\_\_ (pedir) que te quedes un poco más.
- c. Mi madre está \_\_\_\_\_ (salir) de casa.
- d. Juanito lleva doce horas \_\_\_\_\_ (dormir), empiezo a preocuparme.
- e. Nosotros seguimos \_\_\_\_\_ (esperar) el resultado de los análisis.  
Están \_\_\_\_\_ (tardar) mucho.
- f. Te lo juro, te estaba \_\_\_\_\_ (decir) la verdad.

**4. Forma frases utilizando el gerundio.**

Comer un bocadillo

Beber agua

Leer

Escribir un poema

Escuchar música

Esperar el autobús

Abrir la ventana

Estudiar mucho

Descansando

Yo

María

Nosotros

Paco y Rocío

Manuel

Isabel

Nacho

Ellos

Pepe

**Ejemplo: María está abriendo la ventana.**

---

---

---

---

---

¡Qué te vaya bien!

Juliana Ferreira

### **Anexo 13.** Actividades a desenvolver durante a visita virtual ao *Museo del Prado*.

#### **Grupo I:** Buscar hotel

Vuestro grupo tiene que encontrar un hotel en Madrid, barato y en el centro, que no sea muy cutre.

1. Entrad en el directorio de Madrid y conseguid un hotel adecuado.
2. Conseguid un mapa y averiguar la localización del hotel.
3. Estableced el trayecto desde el Aeropuerto de Barajas hasta el hotel que hayáis elegido. Mandad un mensaje de correo electrónico al hotel pidiendo información sobre cómo se llega allí desde el aeropuerto, así como la información que os interese del hotel (tipo de habitaciones, baño, teléfono, etcétera).
4. Enviad un mensaje a un *newgroup* de España pidiendo información sobre el hotel que habéis elegido.
5. Preparad un informe para la clase.

#### **Grupo II:** Cómo se llega al Museo del Prado

Vuestro grupo tiene que averiguar cómo se llega al Museo del Prado desde el hotel.

1. Entrad en la sección de información general del Museo del Prado y averiguar el horario del museo, su localización, precio de la entrada y otros detalles de interés.
2. Conseguid un mapa de Madrid (en esa página del Museo del Prado hay uno) y localizad el museo en el plano.
3. Mandad un mensaje de correo electrónico a los que se ocupan de la información del Museo del Prado, preguntándoles cómo llegar desde el hotel. También podéis preguntar a los del hotel. Ellos seguramente lo sabrán. Averiguar cómo se puede ir en metro, en autobús o a pie.
4. Preparad un informe para la clase.

#### **Grupo III:** Visita al Museo

Entrad en el apartado de visita rápida al museo (edificio Villanueva). Después de navegar un poco por la página, averiguar:

1. Los estilos pictóricos más importantes representados en el museo.
2. Tres de los cuadros de Velázquez y tres de Goya que se pueden admirar.

3. Preguntad alguna cuestión relativa a los cuadros del apartado anterior. Enviad un mensaje de correo electrónico a los servicios pedagógicos del museo (apartado “Servicios a través de Internet”).
4. Preparad un informe para la clase.

#### **Grupo IV: Visita al Casón del Buen Retiro**

Entrad en el Casón del Buen Retiro e informaos sobre:

1. Los estilos pictóricos que se pueden ver allí.
2. Algunos de los pintores y pinturas más importantes.
3. Redactad alguna pregunta que tengáis sobre las pinturas o los pintores, y enviadla a los servicios pedagógicos del museo (apartado “Servicios a través de Internet”).
4. Preparad un informe para la clase.

#### **Grupo V: Otros servicios del museo**

Entrad en los apartados de amigos del museo, en el de tarjetas telefónicas y el de los servicios a través de Internet y averiguad:

1. En qué consisten estos servicios.
2. Qué actividades hacen los amigos del museo.
3. Preguntad por el correo electrónico algo que no os haya quedado claro mediante los servicios a través de internet.
4. Preparad un informe para la clase.

#### **Grupo VI: La noche madrileña**

A vosotros os toca organizar las actividades de la noche. Averiguad:

1. Dónde ir a cenar.
2. Qué haréis después de cenar.
3. Solicitaréis de un *newgroup* información sobre sitios *guay* para jóvenes esta temporada.
4. Preparad un informe para la clase.

Tras repartir las tareas, los grupos se reunirán para organizarlas y se pondrán manos a la obra. Posteriormente se hará una puesta en común con la información conseguida. En esta puesta en común se pondrán relieve las decisiones que los alumnos han tomado y se les pedirá que justifiquen sus decisiones.